

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINESE DARCY RIBEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

MICHELE RIBEIRO HADDAD

**ENTRE O DEVER E A VONTADE: ANÁLISES SOBRE O MODO DE VIDA DO
JOVEM CRISTÃO LGBTQIAPN+**

Campos dos Goytacazes/RJ
2023

MICHELE RIBEIRO HADDAD

**ENTRE O DEVER E A VONTADE: ANÁLISES SOBRE O MODO DE VIDA DO
JOVEM CRISTÃO LGBTQIAPN+**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Sociologia Política Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) como requisito final para obtenção de Mestre em Sociologia Política

Orientadora: Prof. Dra. Silvia Regina Alves Fernandes

Campos dos Goytacazes/RJ
2023

H126

Haddad, Michele Ribeiro.

Entre o dever e a vontade : análises sobre o modo de vida do jovem cristão LGBTQIAPN+ / Michele Ribeiro Haddad. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2023.

98 f.

Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2023.

Orientadora: Silvia Regina Alves Fernandes.

1. Neopentecostalismo. 2. Religiosidade. 3. Sexualidade. 4. LGBTQIAPN+. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 320

ENTRE O DEVER E A VONTADE: ANÁLISES SOBRE O MODO DE VIDA DO JOVEM CRISTÃO LGBTQIAPN+

MICHELE RIBEIRO HADDAD

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Sociologia Política Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) como requisito final para obtenção de Mestre em Sociologia Política.

Aprovada em: 01 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Silvia Regina Alves Fernandes (Sociologia Política – UENF) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – Professora Associada – PPGCS/UFRRJ



Prof.ª Dr.ª Wania Amélia Belchior Mesquita (Sociologia Política – UENF) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro



Prof.ª Dr.ª Luciana Thais Villa Gonzalez (Ciências Sociais – UERJ) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro



Prof.º Dr.º Nelson Lellis Ramos Rodrigues (Sociologia Política – UENF) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe
Marta Ribeiro Aros (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar a Deus, que me presenteou com a aprovação no processo seletivo e iluminou meu caminho em toda a jornada de escrita. Agradeço também a Bianca de Castro, que foi a minha orientadora na graduação e em nenhum momento duvidou de minha capacidade como orientanda.

Quero agradecer ao meu amigo Nelson Cortes, por toda a disponibilidade e auxílio na escrita. Quero agradecer também a minha orientadora Silvia Fernandes, por todo conhecimento transmitido, e por estar sempre disposta a ajudar e incentivando cada vez mais, além de todo seu afeto e consideração.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP) pelas condições teóricas e instrumentais necessárias para realização desta pesquisa.

E por fim, agradeço aos membros da banca pela disponibilidade e presteza com minha pesquisa, desde a qualificação até minha defesa.

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota.” (Theodore Roosevelt).

HADDAD, Michele Ribeiro. **Entre o dever e a vontade**: análises sobre o modo de vida do jovem cristão LGBTQIAPN+. Orientadora Silvia Regina Alves Fernandes, 2023. 98 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2023.

RESUMO

Para fins de esclarecimento, o presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre o possível distanciamento dos jovens cristãos LGBTQIAPN+ e as normas e regras estabelecidas nas denominações neopentecostais, especialmente no que tange a sexualidade. Trata-se de um estudo para compreender as possíveis tensões entre as narrativas de gênero e sexualidade vivenciadas por jovens não heterossexuais neopentecostais. A hipótese que norteia este estudo é que tende a ocorrer o afastamento do jovem cristão em relação a sua denominação religiosa, quando este passa a se identificar com LGBTQIAPN+, considerando haver conflito com os preceitos morais e a orientação sexual dos jovens. Para isso, foi necessário realizar uma pesquisa de campo para melhor aproximação com os indivíduos, utilizando-se o diário de campo como meio de registro das temporalidades cotidianas vivenciadas pelos jovens. Foram realizadas entrevistas com jovens neopentecostais não heterossexuais para execução dos objetivos propostos, através do método bola de neve. Como resultado, verificou-se que mesmo os jovens tendo percepção de que preceitos religiosos vivenciados nas instituições religiosas estão em contrariedade com os preceitos sexuais, permanecem vinculados às instituições. Observa-se o grande poder que o núcleo familiar exerce sobre os entrevistados, e em como essa influência recai diretamente sob o comportamento e atitudes dos jovens. Por fim, verificou-se as consequências trazidas pela “repressão” da sexualidade, fazendo com que o jovem vivencie uma realidade mascarada.

Palavras Chave: Neopentecostalismo; Religiosidade; Sexualidade, LGBTQIAPN+

HADDAD, Michele Ribeiro. **Between duty and will:** analysis of the way of life of young LGBTQIAPN+ Christians. Advisor Silvia Regina Alves Fernandes, 2023. 98 p. Dissertation (master's in Political Sociology) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2023.

ABSTRACT

For clarification purposes, the present work aims to analyze the relationship between the possible distancing of young LGBTQIAPN+ Christians and the norms and rules established in neo-Pentecostal denominations, especially with regard to sexuality. This is a study to understand the possible tensions between gender and sexuality narratives experienced by neo-Pentecostal non-heterosexual young people. The hypothesis that guides this study is that young Christians tend to distance themselves from their religious denomination when they begin to identify themselves as LGBTQIAPN+, considering that there is a conflict with the moral precepts and sexual orientation of young people. In addition, it was necessary to carry out a field survey to better approach the individuals, using the field diary as a means of recording the daily temporalities experienced by the young people. Interviews were conducted with non-heterosexual neo-Pentecostal youths to implement the proposed objectives, using the snowball method. As a result, it was found that even young people having the perception that religious precepts experienced in religious institutions are at odds with sexual precepts, remain linked to the institutions. It is observed the great power that the family nucleus exerts over the interviewees, and how this influence falls directly on the behavior and attitudes of young people. Finally, the consequences brought by the "repression" of sexuality were verified, making the young person experience a masked reality.

Keywords: Neo-Pentecostalism; Religiosity; Sexuality, LGBTQIAPN+

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 População ALGBT	42
Gráfico 2 Orientação sexual das pessoas de 18 anos ou mais (%)	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Perfil etário.....	25
------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIÇÕES E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestise Transexuais
ANDRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
CRELIG	Grupo de pesquisa Dinâmicas Territoriais, Cultura e Religião
DSM	Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana
EUA	Estados Unidos da América
GALF	Grupo de Ação Lésbica Feminista
GLS	Gays, lésbicas e simpatizantes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
LGBTQIAPN+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais ou transgêneros, queers, intersexuais, agêneros ou assexuados, pansexual, não binárias e qualquer outra denominação
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC-RIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PPGSP	Programa de Pós Graduação em Sociologia Política
TP	Teologia da Prosperidade
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Caminho Metodológico	16
1.2 Metodologia	23
2 A IGREJA NEOPENTECOSTAL: BREVE HISTÓRICO	29
2.1 O Advento do Neopentecostalismo no Brasil	29
2.2 Surgimento das Instituições Neopentecostais na Cidade de Campos dos Goytacazes	34
3 JUVENTUDE, ORIENTAÇÃO SEXUAL E O DISCURSO RELIGIOSO	37
3.1 Construção Social da Juventude	37
3.1.1 Construção social da identidade	38
3.2 Surgimento da Sigla LGBTQIAPN+	40
3.2.1 A invisibilização da assexualidade	42
3.3 A Face Cristã e a Intolerância Religiosa	45
3.4 O Discurso Evangélico e a Não Heterossexualidade	50
4 VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE E DA RELIGIOSIDADE NA SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS: UMA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	54
4.1 Poder de Influência da Instituição Religiosa	55
4.1.1 Religião como instância socializadora	57
4.1.2 Sexualidade X Castidade	62
4.2 Poder de Influência da Instituição Familiar	64
4.3 Identidade e Autorreconhecimento	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	93
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS DOS JOVENS CRISTÃOS	94

1 INTRODUÇÃO

Entende-se o neopentecostalismo como sendo um movimento advindo do protestantismo, originário dos Estados Unidos, na década de 1960, onde passou a ser chamado de pentecostais carismáticos. Já no Brasil, através de Edir Macedo, com a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), o movimento neopentecostal começou a tomar forma, sendo reconhecido como a terceira onda do movimento pentecostal (FREESTON, 1993).

Estando atualmente num mundo de transformações e de mudanças constantes, vê-se, com mais frequência, diversos grupos e comunidades buscando o reconhecimento de seus direitos, em prol da convivência em sociedade. Em contexto de modernidade contemporânea, a inserção dos indivíduos numa dada religião tem sido cada vez mais autônoma, sendo associada a uma liberdade de escolha e menos dependente de uma tradição familiar ou cultural. As denominações religiosas colocam-se numa lógica do mercado, tentando atrair fiéis, e a individualidade assume uma centralidade em oposição à comunidade religiosa (BERGER, 2000).

Dessa maneira, considerando as transformações trazidas pela modernidade contemporânea na subjetividade dos sujeitos, a pesquisa objetivou compreender o possível distanciamento dos jovens cristãos LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, intersexo, assexuais/arromânticas/agênero, pan/poli, não-binárias e mais¹) das normas e das regras vivenciadas nas denominações neopentecostais. Vislumbra-se analisar como os sujeitos neopentecostais da comunidade LGBTQIAPN+ interpretam as narrativas sobre sexualidade e gênero apregoadas no universo neopentecostal.

¹ O “L” da sigla diz respeito a mulheres cisgênero ou transgênero que são atraídas afetiva e sexualmente por outras mulheres. O “G” diz respeito a homens cisgênero ou transgênero que são atraídos afetiva e sexualmente por outros homens. O “B” diz respeito a pessoas cisgênero ou transgênero que são atraídas afetiva e sexualmente por pessoas de ambos os gêneros. O “T” diz respeito a pessoas que se opõem ao sexo de nascimento/biológico. As pessoas transgênero podem ser homens ou mulheres que se procuram adequar à identidade de gênero. O “Q” da sigla diz respeito a pessoas que não se encaixam na heterocisnormatividade, ou seja, que não se identificam com o padrão binário de gênero. O “I” da sigla diz respeito a uma pessoa que nasceu com a genética diferente do XX ou XY e tem a genitália ou sistema reprodutivo fora do sistema binário homem/mulher. O “A” diz respeito a pessoas que não sentem nenhuma atração sexual por qualquer gênero. O “P” diz respeito a pessoas que têm atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas independentemente de sua identidade de gênero. O “N” diz respeito a pessoas que não se sentem em conformidade com o sistema binário homem/mulher. O “+” diz respeito às demais orientações sexuais e identidades de gênero, conforme explica a Dayone, revista online disponível em: <https://www.dayoneintercambios.com.br/lgbtqiapn-sigla/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

As relações não heterossexuais ainda constituem um tema controverso dentro do cristianismo. Embora saibamos que a prática é proibida, vemos que a instituição não irá realizar nenhum tipo de discriminação clara em relação ao indivíduo que se revele não heterossexual. Através dessa controvérsia, é possível pensar o seguinte problema de pesquisa: existe relação entre o possível distanciamento dos jovens cristãos LGBTQIAPN+ e as normas e regras vivenciadas nas denominações neopentecostais?

Ainda, a fim de responder a hipótese de que tende a ocorrer o afastamento do jovem cristão em relação à sua denominação religiosa quando esse passa a se identificar como LGBTQIAPN+, será necessário compreender os motivos de adesão ou de afastamento desses do cristianismo neopentecostal e investigar a relação dos jovens LGBTQIAPN+ com o cristianismo.

Orth (2017), ao analisar a influência de religiões cristãs na propagação da homofobia, identificou que a postura das denominações religiosas acaba reforçando discursos e padrões de normatividade e androcentrismo, principalmente ao impor normas a serem seguidas. Trabalhando com Foucault, a autora entende que o controle sobre a vida e sobre o pensamento conduz a um autojulgamento que disciplina o sujeito sobre suas vontades e suas ações.

Partimos dos conceitos e das características estudadas por Mariano (2014), e, a partir do levantamento de dados sobre instituições religiosas da cidade de Campos dos Goytacazes, referente ao último Censo (2010), encontramos 63 neopentecostais.

O trabalho do sociólogo Ricardo Mariano (2014) informa-nos sobre a categoria neopentecostal no País. Assim, utilizamos sua classificação para identificarmos as instituições com essas características na cidade. A partir de então, encontramos três denominações, quais sejam: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus.

Ao realizar uma busca online pelas instituições elencadas, descobri os horários dos cultos e, visando à maior aproximação com o campo, fui a 37 cultos, sendo 18, na Igreja Universal do Reino de Deus; 14, na Igreja Internacional da Graça de Deus; e 5, na Igreja Mundial do Poder de Deus, onde pude conhecer um pouco mais da rotina das pessoas que frequentavam os encontros e, de certa forma, poder aproximar-me das pessoas envolvidas nas instituições.

Nesse sentido, a pesquisa não visa aprofundar aspectos institucionais das igrejas neopentecostais, mas compreender como o jovem se identifica perante a instituição de que faz parte. Não pretende inclusive aprofundar-se em análises acerca das escrituras sagradas relacionadas ao cristianismo. O trabalho investigará os jovens que se enquadram na comunidade LGBTQIAPN+ e especificamente os que fazem parte das instituições neopentecostais.

Dessa forma, Estanislau (2022) parte do pressuposto de que a inserção do indivíduo no meio religioso está interligada ao processo de socialização, direcionando os comportamentos que se desvinculam das normas. Já Foucault (2002) explica que o indivíduo, ao se vincular a qualquer instituição, seja ela religiosa ou não, precisa “verificar” se existe algum tipo de identificação com os preceitos pregados naquele meio, para que não ocorra um possível distanciamento no futuro.

O cristianismo tem, em sua essência, a circunstância de que as premissas divinas devem sobrepor as escolhas individuais. Percebemos que, nesse ponto de vista, o cristão deve pertencer a Deus, em corpo e pensamento (FOUCAULT, 1999). Esse passa a ser um dilema de conflito com o jovem não heterossexual, já que, dentro da doutrina, em específico a neopentecostal, existe a repressão da sexualidade.

Nesse sentido, entende-se que a pesquisa pode contribuir para ampliar a compreensão entre os sujeitos cristãos não heterossexuais e para entender como esses vivenciam sua sexualidade e a religiosidade, revelando que as igrejas pentecostais, em determinados momentos, tornam-se extremamente atraentes, principalmente para a população que necessita de atenção e de inserção na sociedade, conforme explica Machado (1997).

1.1 Caminho Metodológico

Ao me inscrever para o processo seletivo de pós-graduação em Sociologia Política, desenvolvi um pré-projeto de pesquisa intitulado “O impacto da estigmatização social na reincidência de jovens que cumprem medida de internação no centro socioeducativo de Campos dos Goytacazes/RJ”.

A proposta recebeu a aprovação da banca examinadora à época. Naquele projeto, a hipótese da pesquisa era que, após passarem pelos centros socioeducativos, os egressos percebiam negativamente o impacto da estigmatização

social em suas vidas, uma vez que a reinserção social seria dificultada e até mesmo inviabilizada, fazendo com que o jovem infrator não conseguisse voltar à plena convivência em sociedade e acabasse reincidindo na prática de atos infracionais.

O objetivo principal era analisar o impacto da estigmatização social na reincidência dos jovens que cumprem medida de internação no centro socioeducativo de Campos dos Goytacazes/RJ e, para que o objetivo fosse atingido, seria necessário descrever a realidade desses jovens, mapear o quantitativo de jovens reincidentes e, por fim, realizar entrevistas semiestruturadas, a fim de se descobrir se, de fato, esse estigma interferia na reincidência de atos infracionais e conseqüentemente no retorno ao centro de sócio-educação.

Contudo, ao entrar em contato com a atual direção do centro socioeducativo e com o Comitê de Ética da Infância e Juventude, foi-me informado que não mais seria possível realizar as entrevistas, bem como não seria possível colher qualquer tipo de depoimento dos jovens.

Dessa forma, a pesquisa foi abortada antes de seu nascimento, fazendo com que ocorresse uma reformulação em todo tema e projeto. Em outubro de 2019, solicitei participação e ingresso no grupo de pesquisa *Dinâmicas Territoriais, Cultura e Religião (Crelig)*, que vem analisando o fenômeno religioso no Brasil, coordenado pela professora Sílvia Fernandes, e, através dele, o interesse em se aprofundar em temas relacionados à religiosidade veio a surgir. Pensando em unir o interesse sobre a religiosidade ao desejo pela pesquisa sobre juventude, resolvi então utilizar os conhecimentos adquiridos no Crelig para dar prosseguimento à confecção de um novo projeto.

Assim, durante o desenvolvimento da escrita, os contextos e os objetos foram delimitados através de pesquisas realizadas nos acervos das principais 11 universidades do estado do Rio de Janeiro, como a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e restou verificado que existem diversas pesquisas que tratam sobre juventude e religiosidade, tendo assim que se delimitar ainda mais o tema.

Após refinar os temas e os interesses, chegamos à atual proposta de

pesquisa, que visa analisar a relação entre o possível distanciamento dos jovens cristãos LGBTQIAPN+ e as normas e regras vivenciadas nas denominações neopentecostais. Buscando aperfeiçoar meu objeto de estudo, decidi então realizar uma pesquisa com jovens cristãos LGBTQIAPN+ residentes nas áreas urbanas de Campos dos Goytacazes/RJ, cidade em que resido atualmente, tornando assim as buscas mais efetivas.

Entretanto o meio a ser pesquisado ainda era muito amplo para a realização da pesquisa, tendo em vista a amplitude do cristianismo no interior do estado do Rio de Janeiro. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, o cristianismo de corte evangélico, na cidade de Campos dos Goytacazes, é a segunda religião com maior número de adeptos (sendo a primeira o cristianismo de corte católico), totalizando 144.025 pessoas, sendo 68.274 pentecostais e 45.517 neopentecostais, conforme dados.

Desse modo, para o recorte da pesquisa, daremos ênfase em jovens cristãos que seguem a doutrina neopentecostal, pois a adesão ao movimento tem sido notável. Dito isso, foi necessário realizar uma pesquisa através do último Censo da cidade, sobre as denominações neopentecostais existentes. Assim, encontrou-se a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a relação entre o possível distanciamento dos jovens cristãos LGBTQIAPN+ e as normas e regras estabelecidas nas denominações neopentecostais, especialmente no que tange à sexualidade.

Já os objetivos específicos consistem em: 1 - Compreender e analisar as possíveis tensões entre as narrativas de gênero e sexualidade das igrejas pesquisadas e os jovens LGBTQIAPN+; 2 - Investigar os motivos de adesão dos jovens LGBTQIAPN+ ao cristianismo neopentecostal ou de afastamento dele.

Nessa linha, essa pesquisa analisa se existe relação entre o possível distanciamento dos jovens cristãos LGBTQIAPN+ e as normas e regras vivenciadas nas denominações neopentecostais, partindo da hipótese de que tende a ocorrer o afastamento do jovem cristão em relação à sua denominação religiosa, quando esse passa a se identificar como LGBTQIAPN+.

A hipótese considera haver conflito com os preceitos morais – que servem

como diretriz em relação aos modos de vida de quem se identifica como membro do ramo neopentecostal – e a orientação sexual dos jovens. A pesquisa dialoga com a literatura que contempla estudos de juventude, modernidade contemporânea, sociologia da religião e ainda autores que discutem as transformações de gênero e sexualidade nas sociedades.

As principais referências teóricas envolvem primeiramente o Ricardo Mariano (2014), como já mencionado, que norteia as pesquisas referentes ao neopentecostalismo e de quais instituições esse ramo faz parte. Por sua vez, os estudos de Silvia Fernandes (2011) e do Marcelo Natividade (2007) relacionam-se com juventude e religiosidade num todo e em como perspectivas religiosas podem alterar as condutas juvenis em distintas esferas.

Peter Berger (2004) torna-se primordial quando falamos sobre religiosidade e modernidade. Já Michel Foucault (1999, 2008) trata de assuntos relacionados às relações de poder e sexualidade, entrando, dessa forma, na sexualidade humana como dispositivo. Nesse sentido, o estudo da relação entre não heterossexuais e as premissas cristãs neopentecostais podem vir a revelar questionamentos acerca das novas configurações de poder que se estabelecem nas práticas neopentecostais.

Ainda falando sobre as configurações de poder em Foucault (2002), cabe mencionar uma importante informação levantada durante as entrevistas: alguns jovens se recusaram a participar com o receio de serem expostos, visto que precisavam manter suas identidades preservadas, já que muitas pessoas, em especial os familiares, não tinham ciência de como eles se identificavam no campo da sexualidade.

Essas são questões que já sugerem algumas interpretações, como, por exemplo, o fato de que possivelmente os familiares entrariam em conflito, ao descobrirem suas escolhas sexuais.

Como afirma Natividade (2005, p. 256):

O efeito de verdade, como controle social de corações e mentes, o resultado desse exercício massivo de poder é a vivência, por parte de homossexuais, de sentimentos de intensa culpa e vergonha, com reiteradas expressões de “tentativas de parar o desejo de levar uma vida normal”, “já que as práticas homossexuais são relevantes das percepções de si” [...] Por isso, as identidades religiosa e homossexual consistem “por meio do cultivo do segredo, do ocultamente de informações relativas as exercício da homossexualidade no ambiente religioso”.

Esta pesquisa visa ampliar o conhecimento sociológico existente no campo da relação entre religião, moral e sociedade. Ao fazer o levantamento bibliográfico através do Google Acadêmico® e da plataforma Scielo, percebemos o baixo número de trabalhos que problematizem essas questões relacionadas a jovens LGBTQIAPN+ neopentecostais e o debate sobre as tensões no que tange às identidades de gênero e aos preceitos dessas denominações.

Ao realizarmos pesquisas (maio/2021 a setembro/2022) nos bancos de teses e dissertações das principais universidades do estado do Rio de Janeiro, como UENF, UERJ, UFF, UFRJ e PUC-Rio, encontramos um total de 543 teses e dissertações que possuem, em seus assuntos, a temática da religião, porém apenas três, na UERJ, e duas, na UENF, abordam a relação entre religião e gênero.

Dentre esses cinco trabalhos, estão uma tese da Bruna Dantas (2010), que discute a sexualidade entre evangélicos, uma dissertação de autoria do Vinicius Leite (2017), que aborda a visão de alunos da Educação de Jovens e Adultos acerca de sexualidade e gênero; outra que discute a relação entre o grupo LGBT+ e católicos, de autoria do Lawerton Silva e Renata Aléssio (2019); uma dissertação do Kássio de Souza (2022), que discute a relação da igreja católica e com a homossexualidade, no que tange ao apostolado courage; e uma dissertação da Karine Gouvêa (2017), que realiza uma análise da religião com a aceitação da homossexualidade.

Essa breve constatação demonstra a importância de se discutir e de se problematizar essa relação na cidade de Campos dos Goytacazes, onde de fato a pesquisa se debruça, principalmente com outra especificidade: o segmento juvenil.

A referida problemática de pesquisa pretende contribuir com as investigações realizadas na linha de pesquisa: Cultura, Territorialidade e Poder, no programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP), no sentido de trazer novos elementos e dados que contribuam para a compreensão do fenômeno em questão.

Sabemos que, no Brasil, principalmente nos últimos anos, algumas igrejas cristãs têm lançado mão de argumentos conservadores², que contribuem para legitimar e justificar a violência contra a população LGBTQIAPN+. No ano de 2016,

² Por argumentos conservadores, entende-se como uma filosofia social, onde as instituições defendem os preceitos tradicionais, e tem-se percebido um afastamento desse tradicionalismo no que diz respeito à sexualidade (SOUZA, 2015).

uma frase, com forte teor de ódio e homofobia, foi pendurada na frente da Igreja Templo Batista Bíblico Salém, no distrito de Porto Sauipe, cidade de Entre Rios, no litoral norte da Bahia, que dizia: “Se um homem tiver relacionamento com outro homem, os dois deverão ser mortos por causa desse ato nojento. Eles serão responsáveis pela sua própria morte.” (SIQUEIRA, 2016, p. 5).

De acordo com matéria publicada pelo Correio Braziliense, em 2020, existe uma investigação entre cinco países, que revela a atuação de uma rede de religiosos que reprimem a homossexualidade e a identidade de gênero, em que participantes relatam abusos e violação de direitos (FACHIN, 2017).

A matéria citada apresenta um movimento que surgiu nos Estados Unidos da América (EUA) e revela como os líderes evangélicos demonizam a não heterossexualidade ao considerá-la uma prática pecaminosa. Alguns estudos apontam a influência de religiões cristãs na propagação da homofobia, como a pesquisa realizada por Orth (2017), que demonstra como a homofobia religiosa se manifesta fortemente nos discursos discriminatórios, caracterizando-se como uma violência simbólica, tratada por Bourdieu (2002).

De acordo com Bourdieu (2002), a violência simbólica caracteriza-se como um tipo de violência exercida sem o contato físico, causando danos psicológicos no indivíduo. É uma forma de imposição fundada na criação de crenças contínuas que induzem o sujeito a se posicionar de maneira não habitual a fim de seguir os padrões pré-estabelecidos no discurso dominante, impedindo-o, por vezes, de identificar os próprios limites da realidade, interiorizando sua essência.

Entre as diversas formas de violência simbólica vivenciadas diariamente, encontramos a violência direcionada às pessoas que não se enquadram na heterossexualidade, que é derivada do preconceito replicado ao longo da história. Bourdieu (2003), para falar sobre os sujeitos que incorporam as estruturas sociais, usou a noção de *habitus*.

O *habitus* faz com que as estruturas sociais passem a se manifestar no modo de pensar e no comportamento individual, confirmando e reproduzindo os padrões dominantes de diferenciação (BOURDIEU, 2003). Ele leva o indivíduo a emitir juízos de ordem moral e política, por meio dos quais se posiciona dentro das estruturas sociais e demonstra para a sociedade o capital que possui.

É o *habitus* que informa também sobre a inadequação a determinados grupos e ambientes, e, quando não se vislumbra essa aceitação, provoca sensação de estranheza diante de outros agentes, seja por expressão linguística, ou por comportamentos culturais (BOURDIEU, 2003). Pelo *habitus*, o sujeito incorpora o pertencimento a uma classe, ao se mostrar capaz de perceber e de reafirmar sua diferença em relação a outras classes.

A assimilação dessas diferenças é naturalizada pelos agentes sociais e são utilizadas pelas classes dominantes como meio de hierarquizar as classes dominadas e de reproduzir a desigualdade. Na concepção do autor, a opressão de um extrato social é realizada sobretudo por meio da violência simbólica.

Os aparatos ideológicos de expressão e de conhecimento, como a mídia, as redes de comunicação dos sistemas educacionais, são sistemas simbólicos que legitimam a dominação de uma opinião sobre a outra, exercendo uma função política de imposição de crenças e de valores a fim de coagir determinados comportamentos.

Dessa forma, Bourdieu (2003, p. 102) explica que: “A própria heterossexualidade construída socialmente e socialmente constituída como padrão universal de toda prática sexual ‘normal’, isto é, distanciada da ignomínia da ‘contra natureza’”.

Ao disseminar noções depreciativas sobre a atribuição social de comportamentos não heterossexuais, a heterossexualidade foi estabelecida e legalizada como regra normativa das relações sociais. Essas noções vinculam esses conceitos a doenças e perversões, naturalizam e eliminam os comportamentos não heterossexuais.

A disseminação desses “conceitos”³ é resultante do preconceito existente na malha social, em relação a essas pessoas. Tal preconceito vem sendo caracterizado como homofobia⁴. Com o estabelecimento dessa distinção de gênero, é inegável que

³ A distinção de homossexualidade e heterossexualidade é recente e foi esclarecida após a II Guerra Mundial, conforme elenca Bourdieu (2003).

⁴ Homofobia nada mais é que: “[...] uma aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio, preconceito que algumas pessoas nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais (também conhecidos como grupos LGBT)”, conforme classifica a revista online Politize. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrFNNWRL5RkeL4K5.Pz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1687461906/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.politize.com.br%2fhomofobia-o-que-e%2f/RK=2/RS=8m_pXTaCcxY4p2PtolbHR4cmiME-

o indivíduo não heterossexual passou a ser colocado em uma esfera inferior do nível social, tornando-se alvo de discriminação em um lugar subalterno.

Conforme relatório construído pela “Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia” (GASTALDI, 2020), torna-se explícito o crescente número de mortes de LGBTQIAP+ no Brasil. No ano de 1990, foram assassinadas, em média, 164 pessoas LGBTI+. Vinte anos depois, em 2010, foram assassinadas 260 LGBTQIAPN+ no Brasil, um aumento de aproximadamente 60% no número de mortes. Entretanto o maior número de mortes registrado foi no ano de 2017, quando foram documentadas 445 mortes de LGBTI+ no Brasil, segundo o relatório.

Quanto à idade média das vítimas, 33% encontravam-se entre 15 e 30 anos, e 8% possuíam mais de 46 anos de idade. O mais velho possuía seus 80 anos e se suicidou. O referido relatório aponta, ao final, algumas prioridades no combate à violência contra a população LGBTQIAPN+, dentre elas a promoção da educação sexual e de gênero em todos os níveis escolares, além do incentivo à criação e ao cumprimento de políticas públicas.

Entendemos assim que a proposta de pesquisa buscará ouvir os sujeitos que experimentam esse tipo de preconceito, com o intuito de trazer elementos que contribuam para o debate público sobre o possível afastamento do jovem cristão em relação à sua denominação religiosa, quando esse passa a se identificar como LGBTQIAPN+. Além disso, espera-se ter um quadro geral sobre o conteúdo das narrativas e das práticas de lideranças das igrejas pesquisadas, em relação ao tema em questão.

1.2 Metodologia

A metodologia adotada nesta pesquisa é classificada como qualitativa, pois buscou entrevistar os diferentes sujeitos envolvidos sobre questões e vivências relacionadas à sexualidade e à religiosidade (SILVA, 2014).

Refletindo ainda na linha do autor, a pesquisa será classificada como explicativa, uma vez que realizou uma análise para as possíveis razões que levam ao distanciamento do jovem LGBTQIAPN+ do cristianismo, tentando sempre realizar uma reflexão sobre a relação entre dois ou mais fenômenos existentes, como é o caso da presente pesquisa no que diz respeito à vivência religiosa e da sexualidade. Para

compor o plano estudado, é necessário ter entre 18 e 30 anos de idade, assumir-se não heterossexual e ser praticante da doutrina neopentecostal.

O critério que foi adotado para definir ser ou não praticante está relacionado com a frequência semanal dos cultos nas respectivas instituições religiosas neopentecostais: Igreja Universal do Reino de Deus, localizada Av. Vinte e Um de Abril, 182 – Centro; Igreja Internacional da Graça de Deus, localizada na Av. Rui Barbosa, 963 – Centro; e Igreja Mundial do Poder de Deus, localizada na rua Tenente Coronel Cardoso, 479/481, Centro.

O recorte etário está relacionado com a autonomia de escolha e com a responsabilidade civil dos indivíduos conforme disciplina a legislação brasileira, tornando mais simples a busca de respostas. Além disso, segundo pesquisas, as idades entre 18 e 30 anos é o que atualmente chamam de geração y, essa que compreende pessoas que ainda se encontram mediante a uma “gestação emocional”, já que possuíram uma infância e uma adolescência menos dura em relação aos genitores (APOLINÁRIO, 2022).

A metodologia qualitativa utilizada na pesquisa conta com a técnica *snowball* para localizar os informantes e aplicar entrevistas semiestruturadas. A técnica é também conhecida como *snowball sampling*, que significa “Bola de Neve”. É uma técnica de amostra não probabilística, uma vez que nem todos os membros da população serão os alvos da pesquisa, ocorrendo uma certa “seletividade” dos sujeitos participantes, fazendo com que os resultados não sejam generalizados (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Essa técnica é importante para recrutar novos e possíveis participantes. Torna-se claro que não é necessário mensurar uma quantidade de entrevistas, uma vez que elas se tornam, em algum momento, saturadas das próprias informações (ARAUJO, 2015).

Foi utilizado um roteiro de entrevistas semiestruturado. Outra técnica usada, além das entrevistas, foi a observação participante. Através dela, registraram-se as situações nos cultos e sensibilizaram-se os informantes para a pesquisa. Como instrumento de anotações, foi utilizado o diário de campo.

Na cidade de Campos dos Goytacazes, existem 67 instituições neopentecostais, sendo 53 instituições da Igreja Universal do Reino de Deus; duas,

da Igreja Internacional da Graça de Deus; e 12, da Igreja Mundial do Poder de Deus, conforme demonstrado nos sites informativos das respectivas instituições. Como base de estudo, foram utilizadas as sedes de cada instituição, já que suas filiais respondem diretamente a apenas uma.

Como elencado, passei a frequentar os cultos com o intuito de conhecer um pouco mais o dia a dia dos jovens dentro das instituições, além de perceber e reconhecer os indivíduos participantes através de conversas e de falas. Conhecendo um pouco mais sobre como funcionava os encontros, apresentei o projeto de pesquisa aos seus líderes religiosos.

Em um primeiro momento, os líderes ficaram confusos quanto à finalidade da pesquisa, e foi necessário marcar uma reunião com o líder religioso da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja Internacional da Graça de Deus para explicar os objetivos e os fatores que a norteariam.

Importa destacar que me foi “alertado” por ambos os líderes que eu poderia realizar a pesquisa sem qualquer empecilho, desde que ela não aliciasse à “vivência da homossexualidade” e que não “interferisse nas escolhas sexuais”, conforme mencionado.

Contudo, em nenhuma hipótese, o jovem seria excluído da comunidade, porém, para “viver uma vida em Cristo”, longe do “pecado”, deveriam passar a viver em castidade. Um dos informantes responde minha questão sobre as razões para viver a castidade:

Seguimos a escritura sagrada, e baseamos nossa vida nos ensinamentos de Cristo. Assim, o homem foi feito para a mulher e a mulher foi feita para o homem, para viverem os preceitos do matrimônio em família. Por isso a necessidade da castidade. Entendemos que em muitas situações as pessoas não escolhem a opção sexual e exatamente por esse motivo, não devem viver em pecado. (MANOEL, 45 anos de idade, do sexo masculino).

E, perante o mesmo questionamento, o líder da Igreja Internacional da Graça de Deus diz:

Quando conhecemos alguém, o objetivo principal deve ser o de construir uma família e de ter filhos e isso dentro das escrituras, somente pode ocorrer perante o homem e a mulher. Qualquer situação diferente dessa fórmula não será excluída da comunidade, pois como filhos de Deus, devemos acolher a todos, porém se quiserem ter uma vida regada de fé, não deverá viver em pecado, devendo assim, se abster dos desejos da carne, regando os desejos da alma com orações e abstenções.

Quanto ao líder religioso da Igreja Mundial do Poder de Deus, ele mostrou-se resistente quanto à execução da pesquisa. Sugeri que marcássemos um outro encontro para que eu pudesse discorrer melhor sobre o assunto, contudo ele informou-me que, segundo a interpretação dele, a pesquisa poderia influenciar os jovens a permanecerem em pecado, caso esses se “transformassem” em homossexuais.

Explicou-me que eu seria muito bem-vinda à comunidade, porém não concordava com a pesquisa, bem como com as entrevistas dentro da instituição. Entretanto, ainda assim, estive presente em cinco cultos da referida instituição.

É importante lembrar que o presente trabalho gira em torno dos jovens e não das instituições. Mesmo com a negativa de umas das bases de pesquisa, as entrevistas prosseguiram de maneira fluída.

Estive presente em 18 encontros na Igreja Universal do Reino de Deus, divididos pelos meses que se seguem: 09/2021, 10/2021, 11/2021, 12/2021, 01/2022 e 02/2022, onde pude conhecer um pouco da rotina dos jovens, interagir nos cultos e conversar com o líder religioso que se encontrava nos respectivos dias.

Tive a oportunidade de me aproximar de alguns dos jovens que estavam presentes nesses encontros e de entender um pouco mais sobre suas rotinas, além de ter uma primeira noção sobre seus ideais, bem como a oportunidade de explicar sobre a pesquisa e expor os objetivos da investigação, quando me acolheram e aceitaram fazer parte.

Conversei com três jovens da Igreja Universal do Reino de Deus e marquei encontro com eles em dias distintos, quando realizei as entrevistas, momento em que outros jovens me foram recomendados. Os encontros ocorreram primeiramente de forma virtual, sendo necessária uma adequação de horários e marcação do encontro presencial para sua efetiva realização.

Os encontros para as entrevistas, ocorreram oito na praça São Salvador, localizada no Centro da cidade de Campos dos Goytacazes; e três, no shopping Boulevard, localizada na Avenida Dr. Silvio Bastos Tavares, também nem Campos.

Da mesma maneira, aconteceu na Igreja Internacional da Graça de Deus, onde estive presente em 14 encontros, sendo distribuídos pelos meses que se

seguem: 09/2021, 10/2021, 11/2021, 12/2021, 01/2022 e 02/2022, quando também tive a oportunidade de conversar com os jovens e apresentar minha pesquisa. Quanto às entrevistas, foram realizadas cinco na praça São Salvador; e duas, no shopping Boulevard.

Entrevistando um dos jovens da Igreja Universal do Reino de Deus, ele recomendou-me entrar em contato com um outro jovem, amigo seu, que frequentava a Igreja Mundial do Poder de Deus, e que poderia talvez conversar comigo. O contato foi feito, e o jovem recomendado aceitou participar e ainda me recomendou outros dois, que também aceitaram fazer parte da pesquisa.

Foram entrevistados 21 jovens, sendo 14, do sexo feminino; e sete, do sexo masculino. Quanto à orientação sexual dos entrevistados, oito são homossexuais, onze são bissexuais, um assexual e um transexual feminino.

Das mulheres entrevistadas, três são lésbicas, uma é assexuada, uma é transexual e nove são bissexuais. Dos homens entrevistados, cinco são gays e dois são bissexuais. Já a suas idades variam conforme Tabela 2, abaixo:

Tabela 2 – Perfil etário

Idades	Masculino	Feminino
18	----	2
19 – 25	5	8
26 – 30	2	4

Fonte: O próprio autor (2022).

Como se sabe, três instituições serviram como base para as entrevistas, assim se percebeu que, na Igreja Universal do Reino de Deus, foram entrevistados seis homossexuais, quatro bissexuais e um transexual feminino. Na igreja Internacional da Graça de Deus, encontram-se um homossexual, cinco bissexuais e um assexual entrevistados. Já na Igreja Mundial do Poder de Deus, foram entrevistados um homossexual e dois bissexuais.

Insta salientar que, durante a busca de jovens que aceitassem participar da pesquisa, foi encontrado um total de 30 que se enquadravam nos requisitos

necessários para o trabalho, porém nove deles não quiseram assinar o termo de consentimento, por receio de que suas identidades fossem reveladas.

Os fatos aqui narrados são de 21 jovens que fazem parte das instituições religiosas, mas que, fora delas, acabam não vivendo os preceitos estabelecidos nas igrejas, conforme narrado nas entrevistas. Além disso, utilizo iniciais de nomes fictícios para relatar as situações expostas pelos jovens, preservando as identidades dos entrevistados e respeitando as diretrizes éticas.

O trabalho apresenta a estrutura de capítulos a seguir: primeiro contextualiza o advento do neopentecostalismo, bem como o surgimento das instituições neopentecostais na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ. O segundo capítulo desenvolve questões sobre juventude, orientação sexual e o discurso religioso. O surgimento das siglas do movimento não heterossexual também se encontra presente nesse capítulo, direcionadas em subcapítulos. Por fim, o terceiro capítulo realiza uma análise da sexualidade em Foucault; da religiosidade, em Berger; e em como a influência familiar é algo recorrente nas escolhas individuais dos jovens entrevistados, bem como a análise das entrevistas, discutindo os resultados obtidos.

2 A IGREJA NEOPENTECOSTAL: BREVE HISTÓRICO

Para Moreira (2008), há uma grande transformação do campo religioso, onde, grupos de comunicação assumem grande relevância numa disputa por fiéis. Para Pierucci e Prandi (1996), a religião torna-se uma expressão da identidade individualizada, podendo ser consumida numa lógica de satisfação pessoal ligada ao prazer individual. Assim é possível percebermos que ela vai contribuindo para a legitimação de um determinado modelo de sociedade.

Bourdieu (2003) considera, por exemplo, que, numa sociedade desigual, as práticas religiosas podem exercer o papel de consagrar ou de santificar uma determinada ordem social. Como a esfera religiosa brasileira sempre se apresentou como multivocal, mais especificamente no campo do pentecostalismo, estudos sobre o ramo se intensificaram no século XX, e assim foi-se percebendo a necessidade de uma tipologia que facilitasse o acesso de fiéis à religião.

Durante as pesquisas realizadas na época, três ondas foram utilizadas para se referir à história do protestantismo, as quais foram distribuídas por puritana, metodista e pentecostal. E a partir desse recorte histórico, o conceito de neopentecostalismo foi tomando forma, principalmente para designar as igrejas que se iam formando após a terceira onda, fundadas na década de 1970 (MARIANO, 2014). Ou seja, quanto mais liberal e com tendência a investir em atividades empresariais, políticas, culturais e assistenciais, mais próxima a igreja estaria da vertente neopentecostal.

2.1 O Advento do Neopentecostalismo no Brasil

O pentecostalismo chegou ao Brasil no início do século XX, sendo narrado como derivado do Dia de Pentecostes, que possui tradição judaica, marcado por um período após a ressurreição de Cristo, que, segundo a teologia cristã, foi quando o “Espírito Santo” desceu à terra. Esse período foi considerado um período de festas, quando pessoas do mundo inteiro se reuniram para comemorar a ressurreição do “salvador”.

Através dessa narrativa relatada no segundo o livro de Atos dos Apóstolos, no Novo Testamento, percebe-se que o movimento pentecostal vem de uma tradição

popular que engloba forte participação dos pobres e socialmente excluídos.

Não causa surpresa, portanto, que quase um terço dos pentecostais brasileiros viva em situação de pobreza aguda, com renda familiar per capita de até um salário mínimo, e sejam predominantemente (60%) negros ou pardos. O apelo do pentecostalismo vem de sua capacidade de reduzir o impacto da desigualdade em contextos de instabilidade econômica, violência urbana, ausência de serviços governamentais básicos, associada ainda ao consumo de álcool e outras drogas ilícitas, principalmente desde a segunda metade do século 20, quando milhares de trabalhadores rurais analfabetos se transferiram do interior do Nordeste para as periferias urbanas do Brasil e, fazendo isso, se distanciaram fisicamente de redes de ajuda mútua dentro dos espaços familiares. (SPYDER, 2020, p. 38).

Além da descrição baseada na teologia cristã sobre o surgimento do pentecostalismo, uma outra vertente é explicada, já que, após a guerra civil, um movimento de santidade surgiu em decorrência das mortes e da extrema violência. Charles Fox, um professor do Kansas, no início dos anos 1990, insatisfeito com o posicionamento de frieza da igreja após a guerra, chegou à conclusão de que as instituições religiosas da época tinham-se afastado do “fervor” religioso apregoado dos ensinamentos advindos de Jerusalém, conforme explica HANKO (2016).

Ainda segundo o autor, o professor começou a ensinar as pessoas a orarem por uma renovação pentecostal. Uma aluna de Fox havia alegado que recebeu o Espírito Santo e começou a falar em línguas. Dessa forma, o professor foi ganhando discípulos ao longo do tempo e disseminando a ideia de oração pela renovação divina (HANKO, 2016).

Os encontros liderados pelo Charles deram-se em uma igreja da Califórnia, na rua Azusa, e os grupos de oração ali formados iam disseminando suas experiências referentes ao derramamento do Espírito Santo aos fiéis, sendo essa “mobilização” chamada de reavivamento da rua Azusa, o que se tornou o princípio do pentecostalismo, mediante HANKO (2016).

O cristianismo foi introduzido, no Brasil, durante o início do período colonial português nas Américas, através de missionários jesuítas, uma ordem católica. O catolicismo foi parte intrínseca do esforço colonial, principalmente por meio do catecismo, e permaneceu como religião oficial do Brasil até o final do século XIX.

O catolicismo traduziu-se na perseguição de outros tipos de crenças religiosas. De um ponto de vista espiritual, nos primeiros 400 anos, o Brasil foi monopolizado pelo Vaticano, mas, a partir do século XIX, imigrantes e missionários

de outros continentes começaram a construir casas no País. O culto protestante inicialmente era aberto apenas a estrangeiros, mas gradualmente se tornou possível em outros lugares.

O processo de construção de identidade através da religiosidade leva em consideração as experiências dos jovens dentro das instituições religiosas e em como essas experiências começam a fazer parte da formação de caráter do indivíduo.

Com a expansão dos templos evangélicos, percebe-se que, quanto mais espaços, mais os jovens passam a tornar esses templos em meios de sociabilidade, fazendo amigos e preenchendo o tempo livre (NOVAES, 2018). As igrejas evangélicas passam a se tornar uma rede de proteção social, com incentivo à música, e por vezes facilitando o acesso ao mercado de trabalho.

Já Mariano (1999, p.121) explica que:

Deus está presente curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de seu supremo poder e inigualável bondade.

Junto ao pentecostalismo, tem-se também o neopentecostalismo, que é considerado a terceira onda do pentecostalismo, trazendo para a instituição uma renovação mais carismática, e sua principal organização é a Igreja Universal do Reino de Deus. “Esse movimento funde a ideia do culto exuberante, emocional e interativo com uma lógica meritocrática mais explícita e de busca do sucesso material”, conforme discorre Capler (2022, p. 42).

O pentecostalismo é classificado em três vertentes, quais sejam: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e o neopentecostalismo. Essa última é o foco da pesquisa. Freston (1993) foi o primeiro brasileiro a realizar a divisão do pentecostalismo em ondas. Segundo o autor, a primeira onda teve seu início em 1910, com a chegada da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus, em 1911.

Já a segunda onda se iniciou nos anos 1960 quando o campo pentecostal se fragmenta, e surgem três grandes grupos: a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Brasil para Cristo e a Igreja Deus é Amor. A terceira onda se inicia no fim dos anos 1970 e ganha força a partir dos anos 1980, sendo representada principalmente pela Igreja Universal do Reino de Deus, pela Igreja Internacional da Graça de Deus e pela Igreja Mundial do Poder de Deus.

Mais de quarenta anos já se passaram do início da primeira e segunda onda, e as duas apresentam diferenças quanto a ênfase que ensejam ao “dom do Espírito Santo”, conforme explica Mariano (2014).

Utiliza-se o prefixo “neo” no sentido de remeter à formação recente de caráter inovador do neopentecostalismo. Contudo, nos EUA, o termo já era utilizado, desde a década de 70, pelas denominações protestantes, como forma de demonstrar as igrejas pentecostais que possuíam caráter mais “carismático”.

Na ótica da doutrina neopentecostal, quanto mais se doa, mais se recebe. Utiliza-se do ponto de vista econômico para alcançar as graças de Deus, através do que se chama Teologia da Prosperidade (TP). Aqui, o jovem se vê na responsabilidade de adquirir ascensão financeira, para que assim tenha prosperidade no dia a dia. Existe uma certa expectativa de recompensa por tanta demonstração de “fidelidade” à instituição religiosa.

No caso dos neopentecostais, há uma expectativa de recompensa como consequência da conversão. Em vez de promover a dedicação metódica ao trabalho, o neopentecostal é estimulado a atuar de maneira empreendedora para enfrentar as adversidades da vida. (CAPLER, 2022, p. 42).

Enquanto o pentecostalismo se orgulha de manter a disciplina moral, o neopentecostalismo utiliza esse autocontrole para incluir a capacidade de se envolver nos aspectos profissionais da existência com o objetivo de alcançar a prosperidade socioeconômica e melhorar a qualidade de vida.

As instituições religiosas, através de um diálogo de fé, inserem-se num mercado lucrativo, em busca de fiéis. Sendo mais preciso, esse mercado teve início no século XIX, nos Estados Unidos, onde o ramo central das discussões girava em torno da comercialização da fé, com seu embasamento propriamente bíblico.

Atualmente a Teologia da Prosperidade está estampada em todo o mundo, com a pregação de que, quanto mais se entrega, mais se recebe, imputando que, se o fiel possui determinado problema, esse é em decorrência da falta de fé e de compromisso com “Deus”.

A Teologia da Prosperidade, como o próprio nome revela, consiste no imaginário, em que a contribuição para a igreja se torna sinônimo de prosperidade, e essa prosperidade deve ser regada sempre, para que a “semente” cresça e traga bons frutos à família e ao indivíduo doador.

A TP está intimamente ligada às desigualdades sociais, uma vez que se utiliza dessa condição para impor ao fiel que ele se encontra nesse estado pelo simples fato de sua fé não ser suficiente e que, se ele passa a contribuir, essa situação vem a mudar.

Nesse prisma, Haddad e Pacheco Junior (2022, p. 2-3), discorrem:

É nesse contexto que atuam as denominações neopentecostais que difundem a chamada teologia da prosperidade. Para Oro (1996) essa teologia propicia aos fiéis um desejo de ascensão social e a posse de bens materiais sem nenhum conflito de consciência.

Podemos considerar, portanto, que há uma legitimação e sacralização da desigualdade social, onde o bilionário por exemplo, ao invés de ser compreendido numa perspectiva sócio-histórica e econômica, é visto como alguém “abençoado” e “agraciado” por Deus.

Assim, percebe-se que o pobre por outro lado é visto como um “rico” em potencial, alguém que para enriquecer basta lutar, perseverar, acreditar que Deus o vai abençoar com a prosperidade. Nesse cerne, algumas denominações neopentecostais difundem a chamada teologia da prosperidade, criando uma falsa sensação de “igualdade” entre todos os indivíduos, buscando mascarar a desigualdade social existente.

A sensação de igualdade é gerada quando o fiel realiza sua doação e trabalha cada vez mais para poder sempre manter essa doação, e, com isso, ele mostra a Deus que precisa ser recompensado. É nessa mesma lógica que Weber (2004) reflete que, quanto mais se doa, mais se realiza, e que, para uma vida feliz, farta e próspera, o trabalho árduo é requisito primordial.

O poder mental que, nos dias de hoje, alcança-se com esse mercado de fé perpetuado nas instituições religiosas possui uma dimensão inimaginável. Com o auxílio das mídias sociais, as informações são perpassadas de maneira muito mais eficaz, atingindo, cada vez mais, uma gama maior de seguidores especialmente mais jovens.

Essa, pelo menos, é a maneira mais prática que os estudiosos descrevem as diferenças entre pentecostais e neopentecostais. O sucesso das igrejas neopentecostais gera um certo descontentamento nos evangélicos pentecostais, já que, a primeiro momento, é um seguimento mais “livre” (CAPLER, 2022). A adoção de técnicas e de valores corporativos na liderança da igreja tem efeitos mistos entre evangélicos, em diferentes organizações.

Contudo, pela proliferação das instituições religiosas, isso se acaba tornando um ponto negativo, já que fazem com que os jovens permaneçam temporariamente nos templos, até que encontre outro que seja mais “atrativo” (NOVAES, 2018).

2.2 Surgimento das Instituições Neopentecostais na Cidade de Campos dos Goytacazes

A história de Campos dos Goytacazes iniciou-se em meados do século XVI, quando a capitania foi chamada de Paraíba do Sul. Além das grandes transformações sofridas em prol do desenvolvimento da cidade, foram ocorrendo grandes expansões na economia, o que foi trazendo uma gama de pessoas em busca de emprego e de estabilidade.

Pedlowski (2018) explica que o estado do Rio de Janeiro veio sofrendo diretamente com as políticas nacionais de substituição das importações e da mecanização de lavouras, e, em consequência, os municípios ao redor entraram em processo de urbanização. Em 1977, o processo de luta pela terra iniciou-se em Campos dos Goytacazes, ocorrendo a ocupação por toda a baixada fluminense. Na década seguinte, dezenas de usinas de cana de açúcar foram desativadas.

A partir disso, surgiram apoios pastorais da Igreja Católica, com o intuito de promover ajuda às famílias que se encontravam desabrigadas, em decorrência da falência das usinas (PEDLOWSKI, 2018). As pastorais ajudaram as comunidades visando acabar com o isolamento, preocupando-se em redimensionar a luta pelas terras, suprimindo assim as demandas do município e trazendo alento à comunidade.

Articulação das diferentes experiências que construíram novas formas de organização do campesinato. O trabalho da pastoral da Igreja Católica e Luterana foi fundamental para o processo de reorganização dos trabalhadores do campo [...] foi uma das expressões do trabalho ideológico realizado pela Igreja Católica, que teve um papel essencial para o redimensionamento político da luta pela terra em todas as regiões do país, alertando para a necessidade da construção de um movimento nacional. Este trabalho ideológico da pastoral foi fruto de um processo de autocrítica vivenciado pela Igreja Católica, principalmente na América Latina. (CARVALHAES; PY, 2017, p. 342).

Após a ajuda das pastorais, ela não obteve apoio da hierarquia católica em Campos dos Goytacazes. Contudo a pastoral, por ser uma entidade autônoma, acabou chegando a locais onde as paróquias católicas não chegavam (GONÇALVES, 2012).

O autor ainda revela que, nas últimas décadas, vem crescendo o número de instituições pentecostais e demonstra, através de anotações do Pe. Fonseca, que vem de fato ocorrendo uma migração de assentamentos católicos para o pentecostalismo.

Uma possível explicação para esse crescimento seria a frequência de celebrações e a distância das instituições, já que as igrejas pentecostais traziam mais proximidade com a população, uma vez que “[...] a falta de sensibilidade do catolicismo institucional aos movimentos sociais, quando os padres e bispos não se comprometeram com os espaços” (JACOB; HEES, 2003, p. 90), trouxe uma certa repulsa dos fiéis.

Dessa forma, percebemos que o pentecostalismo ganhou proporção na sociedade através das “falhas” da igreja católica, auxiliando assim no processo de pentecostalização da população. Vemos então uma passagem marcante do catolicismo ao pentecostalismo na cidade, gerando, conforme explica Berger (2000), uma certa descatalização, pela falta de procura e de interesse do clero católico.

O pentecostalismo ajustou-se em três fases, ao dobrar os momentos históricos e políticos do País, a partir da década de 1910, com a vinda da Igreja de Cristo e da Assembleia de Deus.

[...] essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. O contexto é fundamentalmente carioca. A vantagem dessa maneira de colocar ordem no campo pentecostal é que ressalta, de um lado, a versatilidade do pentecostalismo e sua evolução ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, as marcas que cada igreja carrega da época em que nasceu. (FREESTON, 1993, p. 66).

Logo, o pentecostalismo tornou-se mais atraente, uma vez que a população sabe que as instituições trabalham com um plano prático de que Deus pode curar a alma concedendo prosperidade através do dízimo e, por outro lado, existe a doutrina da guerra espiritual, na qual o pentecostalismo revela a presença de um “mal”, e que este deve ser combatido, ocorrendo inclusive a expansão pentecostal (SELMÁN, 2019).

Dessa maneira, veremos, ao longo da pesquisa, que, mesmo não se tendo dados exatos de quando foram instituídas as igrejas neopentecostais na cidade de Campos dos Goytacazes, vem-se percebendo, cada vez mais, o número de adeptos, já que a igreja veio suprimindo as necessidades da população que se viu em crise, por muitos anos.

A juventude brasileira, cada vez mais, tem-se tornado adepta ao segmento

religioso evangélico. Conforme a pesquisa do Instituto DataFolha⁵, “[...] três em cada dez brasileiros com 16 anos ou mais atualmente são evangélicos”. Já os dados da pesquisa de 2020 do DataFolha revelam que há aproximadamente 12,4 milhões de jovens entre 16 e 24 anos que se declaram evangélicos.

⁵ Conforme Folha de S. Paulo, DataFolha. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>. Acesso em: 18 jun. 2023.

3 JUVENTUDE, ORIENTAÇÃO SEXUAL E O DISCURSO RELIGIOSO

O termo juventude enquadra-se em teorias críticas de caráter reformista e revolucionário. Autores como Karl Mannheim (1982) e Erik Erikson (1987) reafirmam que é nesse período que as transformações e as novas ideias são difundidas, sendo visto inclusive como uma questão social. Dayrell (2003) entende que o jovem deve ser encarado como cidadão participativo e ativo da sociedade, configurando-o como ele é, um sujeito social.

Tomar os jovens como sujeitos não se reduz a uma opção teórica. Diz respeito a uma postura metodológica e ética, não apenas durante o processo de pesquisa, mas também em meu cotidiano como educador. A experiência da pesquisa mostrou-me que ver e lidar com o jovem como sujeito, capaz de refletir, de ter suas próprias posições e ações, é uma aprendizagem que exige um esforço de autorreflexão, distanciamento e autocrítica. (DAYRELL, 2003, p. 44).

Tommasi (2005) revela que é importante ouvir e entender as vozes juvenis, já que elas podem e devem contribuir para a elaboração de políticas públicas que possam vir trazer algum tipo de benefício a essa gama da população, que se encontra nesse momento de transição da vida infantil para a vida adulta.

3.1 Construção Social da Juventude

Adad e Brandão Jr. (2006) mostram-nos que ser jovem é uma construção social de cunho moderno e vai se modificando com o decorrer do tempo. A “juventude” vai se expandindo e se adaptando com o decorrer das experiências e das vivências. Segundo Reis (2006, p. 63):

“Juventude”, no singular, não pretende uniformizar a heterogeneidade, mas referir-se a uma fase da vida, que se manifesta, se realiza, conforme a trajetória de vida de cada um vai conseguindo construir, a qual, embora seja individual [...] assume também a condição de trajetória coletiva. “Juventudes” no plural diz respeito a multiplicidade de expressões dos jovens, nos diferentes contextos sociais em que estão inseridos.

Assim, percebemos que a juventude passa a ser vista como uma construção social e não se entra no questionamento da possibilidade ou da impossibilidade de vivenciá-la.

Nesta pesquisa, quando falamos de “juventudes”, estamos nos referindo às

várias expressões em seus contextos sociais. Em especial, aos jovens pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, em particular, aos que frequentam e fazem parte da doutrina neopentecostal, na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Podemos então nos referir a esses jovens como “juventudes”, no plural, já que, por motivos específicos, como a influência familiar, entraram na vivência religiosa.

Por sua vez, Fernandes (2011) argumenta que, ao falarmos sobre juventude, a heterogeneidade da categoria entra em pauta, já que se torna incoerente “congelar” os termos utilizados para diferentes perfis de juventudes, já que esses perfis dependem das inserções relacionadas à cultura, à região e à localidade.

Segundo uma pesquisa realizada por Fernandes (2008), em que jovens das igrejas católica e pentecostais foram entrevistados, há vários marcos que podem definir a condição juvenil, o principal deles é quando se “adquire uma família”, estando em segundo lugar a condição de “nunca se deixa de ser jovem”.

Alvim (2002, p. 43) revela-nos que:

Perguntando-se onde estamos falando, esmiuçado os pré significados adquiridos sobre tal conceito, que terminam por nos revelar que dentro de um conjunto de significados atribuídos a juventude, ela se torna apenas uma palavra, na medida em que a categoria se torna tão ampla que não permite pensar em juventudes singulares.

Assim, percebemos que o termo “juventude” é elástico e multifacetado, uma vez que não se consegue encontrar um termo único que o signifique. A percepção de juventude é algo historicamente construído, já que sociólogos, ao longo do tempo, vêm tentando categorizar esse conceito em seus estudos, como Aries (1986), em seu livro “História social da criança e da família” e Levi e Schmitt (1996), em “História dos jovens: da antiguidade à era moderna”.

3.1.1 Construção social da identidade

O gênero é algo pré construído, não é resultado causal do nexos. As pessoas tornam-se o gênero com que se identificam. Percebemos assim que homens não necessariamente se aplicam ao que se considera corpos masculinos, e nem mulheres refletem corpos femininos (BUTLER, 2021).

A construção social em torno da sexualidade permeia muito além do homem e da mulher propriamente ditos, uma vez que não logra êxito para subtender que gênero é relativo apenas aos dois lados (BUTLER, 2021). Foucault (1994, p. 168) inclusive trata o assunto, revelando que o “apetite sexual” era advindo do que se considerava “belo”, independentemente do sexo.

Em busca do reconhecimento de direitos e da aceitação em sociedade do jovem LGBTQIAPN+, Seffner (2003) começa a problematizar e a questionar se a heterossexualidade é tida como normal, porque até então é majoritária. A heterossexualidade acaba sendo naturalizada pois se compreende, desde o nascimento, que a mulher, por exemplo, “nasce” para a maternidade, e o homem nasce para ser o provedor do lar. Entramos assim na complexidade do “eu” como noção de pessoa estruturalmente inserida no contexto social em que nasce.

No próprio discurso filosófico, a noção de “pessoa” tem sido analiticamente elaborada com base na suposição de que, qualquer que seja o contexto social em que está, a pessoa permanece de algum modo externamente relacionada a estrutura definidora da condição de pessoa, seja esta a consciência, a capacidade de linguagem ou a deliberação moral. (BUTLER, 2021, p. 42).

Os papéis já estão, de certa forma, definidos na sociedade, uma vez que, independentemente do contexto em que se estão inseridos, a pessoa permanece, de alguma maneira, relacionada a essa estrutura. Quando Butler (2021, p. 43) nos diz que “gêneros inteligíveis” são aqueles que, certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e de continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”, quer dizer que ambos os sexos se aplicam à norma da heterossexualidade, não sendo parte exclusiva de apenas um dos gêneros.

Assim, a heterossexualização institui a oposição entre feminino e masculino, uma vez que, através da matriz cultural, a identidade de gênero torna-se inteligível, já que existem certos tipos de identidade que não podem existir (BUTLER, 2021).

Entretanto, com o avanço da medicina e dos estudos, o transexual é um exemplo de mudança do sexo, contudo essa mudança está relacionada com o próprio pertencimento do corpo do que a uma causa estrutural, já que o gênero é uma construção cultural variável do sexo.

3.2 Surgimento da Sigla LGBTQIAPN+

A homossexualidade é tratada aqui como o desejo/interesse sexual por pessoas do mesmo sexo, sendo essa uma concepção mais atual, tendo em vista que o sentido do termo varia ao longo da história (MESQUITA; PIERUCCHI, 2016).

A não heterossexualidade se tem tornado assunto frequente dentro das religiões. Os discursos sobre sexualidade intensificaram-se no século XVIII e no século XIX, já que os comportamentos homoafetivos eram vistos como libertinos, quando ocorreu uma dispersão da sexualidade, ocorrendo uma implantação múltipla das perversões (FOUCAULT, 1999).

Em meados do século XIX, teóricos como Karl Heinrich, Richard von KrafftEbing, Sigmund Freud e Magnus Hirschfeld trazem a discussão sobre homossexualidade para o campo científico, no sentido de se tratar de “[...] forças pulsionais e inconscientes relacionadas à orientação do desejo sexual” e, por conseguinte, acaba sendo retirado dessa orientação sexual o status de criminalidade (MESQUITA; PERUCCHI, 2016).

Contudo, apenas em 17 de maio de 1990, com ratificação em 1992, uma das principais organizações vinculadas a saúde, a Organização Mundial de Saúde (OMS), retirou a homossexualidade do rol de doenças, não a vendo mais como uma psicopatologia e sim como uma experiência humana (SPOSITO, 2012).

Assim, como foi retirada do rol de doenças, o termo “homossexualismo” passa a não ser mais utilizado, e usa-se apenas a expressão homossexualidade.

Na década de 70, em meio à ditadura militar, o movimento de gays e lésbicas começou a se desenvolver no Brasil. Durante esse período, policiais militares tinham o “hábito” de prender todos aqueles que possuíam interesse ou se relacionavam com pessoas do mesmo sexo, sob o crime de estarem praticando “viadagem”, conforme explica Quintanilha (2018).

A crítica à visão depreciativa das homossexualidades começou a ganhar espaço no país no final dos anos 1970, no embalo do grande movimento de oposição à ditadura militar, e prosseguiu durante o processo de redemocratização. (SIMÕES; FACCHINI, 2005, p. 22).

Numa época de tanta censura e extremismo, algumas publicações foram essenciais para o desenvolvimento da luta LGBTQ+, quais sejam os jornais “Lampião

da Esquina” e “Chana com Chana”.

O “Lampião da Esquina” foi fundado no fim dos anos 70 e era assumidamente gay, embora, por vezes, discutisse também outros problemas sociais. A revista era editada por um grupo de intelectuais gays do estado do Rio de Janeiro e costumava condenar qualquer tipo de violência contra LGBTQIAPN+ e se opor ao governo militar (QUINALHA, 2021).

Botelho (2020) explica que, no início de 1979, um grupo que se intitulou de “Somos – Grupo de Afirmação Homossexual” participou, pela primeira vez na história, de um debate público na Universidade de São Paulo (USP). Nesse mesmo ano, o grupo se dividiu, criando um grupo exclusivamente lésbico, chamado de “Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF)”.

As reivindicações e os protestos em busca de direitos foram aumentando ao longo das décadas, e, em 1995, a primeira Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) foi fundada. Conforme Simões e Facchini (2005, p. 18), “[...] segundo informações de seu portal no início de 2008, contava com 141 grupos afiliados e 62 organizações colaboradoras”.

A associação “criou” a sigla GLS, que significa gays, lésbicas e simpatizantes, e a sua evolução foi crescente no decorrer dos anos, e a inclusão de novas letras na sigla se foi tornando necessária.

É a atual juventude a principal responsável pela fusão da ideia de “orientação sexual”, que surgiu como forma de argumentar o termo “opção sexual”, que antes era utilizado como meio de se explicar a patologia que era considerada a homossexualidade.

Simões e Facchini (2005, p. 29) discorrem a respeito dizendo que “[...] a expressão não implica consciência nem intenção, tampouco descreve necessariamente uma 'condição'”. A comunidade LGBTQIAPN+ e o mundo que ela representa estão em constante mudança e evolução.

Novos guias são adicionados sempre que surgem novos problemas envolvendo a não heterossexualidade, aparecendo na esfera política ou social. Conforme mencionado anteriormente, seu nascimento é representado principalmente por siglas GLS, que inclui apenas gays, lésbicas e simpatizantes.

Com a revelação de outros não heterossexuais que ainda são diferentes dos não heterossexuais que representavam a sigla, a nova sigla LGBTQIA+ nasceu, surgindo assim novos termos e conceitos conforme explica Bortoletto (2019).

Foi no ano de 2005, no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, que a letra “b”, de bissexuais, passou a fazer parte oficialmente da sigla, tal como foi onde ocorreu a conciliação de que a letra “t” passaria a referir igualmente aos indivíduos travestis, transexuais, e transgêneros dentro da comunidade. Posteriormente, a sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) se tornaria a denominação oficial, conforme aprovado pela I Conferência Nacional GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Mesmo que uma decisão recente, a sigla continua em mudança. Nos meios de militância, ainda surgem novas letras para representar novas homossexualidades, como o “i” de intersex, o “q” de queer e o “a” de agêneros e assexuados. (BORTOLETTO, 2019, p. 35).

O símbolo “+” é utilizado para expressar que qualquer outra denominação ou gênero que venha a surgir, que estará incluso na simbologia, são pessoas não-cis que não se consideram trans e não são héteros. No início do ano de 2021, o diretor-presidente da Aliança Nacional LGBTI+ divulgou que a sigla “ganharia” mais uma letra e se tornaria LGBTQIAP+, adicionando assim a letra “P”, representando a identidade de gênero Pansexual, uma vez que, segundo ele, é importante que toda a comunidade seja representada, e que seja respeitada cada individualidade.

Em junho de 2022, o diretor presidente da Aliança Nacional “adicionou” a letra “N” à sigla, passando a ficar como LGBTQIAPN+. A letra adicionada significa que, nem sempre, os homens serão homens e as mulheres serão mulheres. São pessoas que não se enquadram em um único gênero e transitam entre eles, denominadas, não-binárias.

3.2.1 A invisibilização da assexualidade

A sigla que atualmente representa a comunidade é composta pelas iniciais LGBTQIAPN+, sendo a sigla “A” pouco mencionada nos discursos sobre não heterossexualidade. A letra representa a “orientação sexual” do indivíduo que se considera assexual, ou seja, aquele que não possui desejo sexual por outra pessoa, independentemente do sexo, contudo isso não impede que essa pessoa possua interesse romântico no outro, não limitando as necessidades emocionais da pessoa, conforme explica o instituto de psicologia aplicada (INPA, 2019).

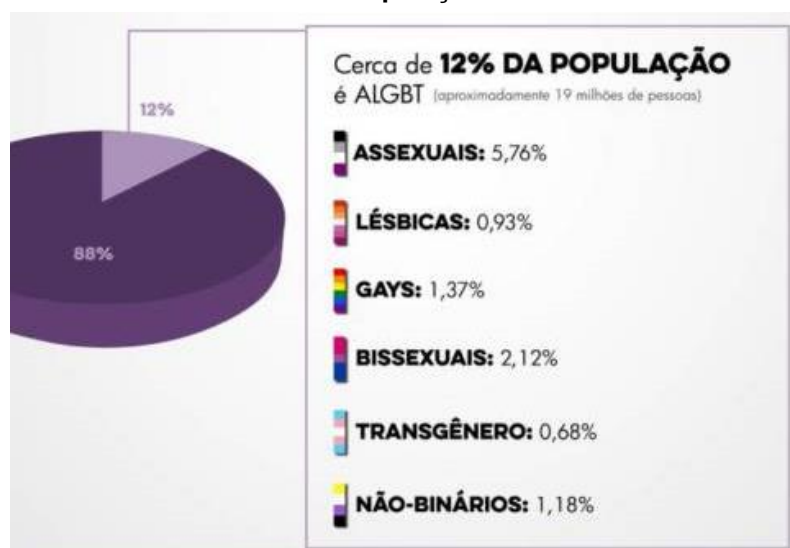
Durante toda a trajetória do surgimento da sigla, gays, lésbicas, bissexuais e transexuais, fizeram ter notoriedade durante o processo, ao contrário dos assexuais. Através da presente pesquisa, torna-se necessário salientar esse tópico, visto que um dos jovens entrevistados é assexual, e, durante todo o contado ele, percebeu-se a invisibilidade de sua categoria.

Sabemos que a não heterossexualidade era vista como perversidade e que a expressão da sexualidade e do desejo sexual reforça uma imagem de sexualização a quem não se enquadre dentro dos paradigmas da heterossexualidade (COUTO, 2018). Contudo, como o assexual pode ser visto reforçando uma imagem de sexualização, se ele não possui desejo sexual?

Pesquisadoras da Unesp e da USP, Andréa Cardoso e Helena Trevizan publicaram, na revista científica “Nature Scientific Reports”, um estudo a respeito do percentual de brasileiros adultos que se declaram assexuais, lésbicas, gays, bissexuais e transgênero, que é de 12%, ou cerca de 19 milhões de pessoas (INPA, 2019).

O estudo buscou mapear a diversidade sexual e de gênero no país, designada pela sigla ALGBT, a partir de uma amostra representativa da população brasileira. Foram entrevistadas seis mil pessoas em 129 cidades de todas as regiões, conforme se demonstra do gráfico abaixo.

Gráfico 1 – População ALGBT



Fonte: Jornal UNESP (2022).

As pesquisadoras revelaram que:

Pessoas ALGBT enfrentam piores condições de vida e índices de violência mais altos. O grupo luta contra a desigualdade socioeconômica, o estigma e a discriminação. Isso tem um efeito negativo na escola e no trabalho, bem como no acesso aos serviços de saúde. Como consequência, indivíduos ALGBT têm taxas mais altas de problemas de saúde física e mental. (CARDOSO; TREVIZAN, 2022).

Já gay, lésbica e heterossexual são palavras que definem a orientação sexual de uma pessoa, ou seja, por quem a pessoa se sente atraída. Gays e lésbicas são pessoas homossexuais, ou seja, sentem-se atraídas por pessoas do mesmo gênero. Enquanto pessoas heterossexuais têm atração sexual por indivíduos do gênero oposto (CARDOSO; TREVIZAN, 2022).

Contudo a assexualidade não se enquadra nesses termos. Ela não é nem identidade de gênero e nem orientação sexual; enquadra-se dentro do campo da diversidade e, por isso, acaba não tendo a notoriedade de que necessita. Maria Lima (2022), diretora da FMB-UNESP, discorre que:

Vivemos em uma sociedade que cultua muito a imagem e a sexualidade, principalmente para os jovens. Então, como a erotização está muito presente, imagino que as pessoas tendem a ocultar uma forma de experimentar a sexualidade que é distinta⁶.

A jovem entrevistada Katia⁷, de 26 anos, relatou que seus familiares e amigos próximos não entendem a assexualidade, em especial seus familiares, que afirmam ser “besteira da idade”.

É importante ressaltar que a assexualidade nada tem a ver com o celibatário, e que, em regra, não existe nenhum direcionamento dentro da instituição religiosa que reprima a assexualidade, muito pelo contrário, é até favorável, uma vez que, se o jovem é LGBTQIAPN+, representado pela sigla “A” e não se submete aos desejos da “carne”, como elencou a jovem, permanece seguindo as diretrizes institucionais de estar em “castidade”, mesmo que isso já seja uma condição de seu enquadramento.

⁶ Informações disponíveis em: <https://jornal.unesp.br/2022/10/24/levantamento-quantitativo-pioneiro-na-america-latina-mapeia-comunidade-algbt-no-brasil/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

⁷ Os nomes dos entrevistados são fictícios, para preservação das identidades dos sujeitos.

3.3 A Face Cristã e a Intolerância Religiosa

Jesus (2008, p. 1) afirma que:

A homossexualidade tem sido, nos últimos tempos, amplamente discutida nas Igrejas Cristãs, frequentemente buscando embasamento bíblico para repudiar ou justificar a tentativa de “cura” deste “mal” espiritual ou físico.

Mesmo com o reconhecimento dos direitos a comunidade LGBTQIAPN+ em 2011, aproximadamente 80 países ainda criminalizam a não heterossexualidade. Alguns deles, como os países islâmicos, punem severamente a prática não heterossexual, desde o apedrejamento à condenação de morte (BONFIM, 2011).

Por sua vez, no Brasil, há lideranças evangélicas que fazem apologia à exclusão de homossexuais dentro de suas igrejas. Em setembro de 2020, o líder da Igreja Batista da Lagoinha, de Belo Horizonte, afirmou que homossexuais devem frequentar “clubes gays”, pois a comunidade evangélica “[...] é para quem quer viver princípios bíblicos.” (ALMEIDA, 2020).

O fato de a homossexualidade ser considerada um pecado pelos cristãos contribui para a defesa da criminalização dos cidadãos e das cidadãs pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+.

Sousa Filho (2003) elenca que a não heterossexualidade, mesmo após anos de luta em prol de reconhecimento e de busca pelos direitos, continua sendo alvo de antipatia por parte da população e, mesmo tendo sido retirados pela OMS do rol de doenças, essas mesmas pessoas ainda consideram a não heterossexualidade como uma condição psicológica.

O imaginário judaico-cristão, dominante no ocidente, “afastou” a exteriorização da sexualidade, como se essa revelação possuísse realidade confirmada. Logo, qualquer situação que não se enquadre nesse imaginário proposto é tida como patologia, conforme explica Ceccareli (2008, p. 73):

Ao sustentar a existência de uma “sexualidade natural” no ser humano, o imaginário judaico-cristão dominante no Ocidente cristalizou e isolou as expressões da sexualidade, como se tais manifestações possuíssem realidades concretas. O passo seguinte foi a criação de nomenclaturas para descrever, classificar e etiquetar as práticas sexuais. Foi também em referência à sexualidade natural que surgiu a noção de normal, que, como toda norma, é um construto teórico, logo, ideológico, tributário do imaginário sociocultural no qual ela emerge. A partir daí, toda forma de sexualidade que não se encaixe nesse imaginário é tida como desviante ou patológica.

Sabemos que o debate acerca da não heterossexualidade está longe de alcançar um consenso pois muito ainda se discute sobre suas causas biológicas; culturais e sociais. Mas ainda há quem argumente que o fato de a homossexualidade ter sido excluída do Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana (DSM) foi uma decisão política, conforme demonstra Ceccareli (2008), em seus estudos.

Mesmo com todo o avanço e luta em prol do reconhecimento dos direitos inerentes a comunidade LGBTQ+, o senso comum com vertente tradicional, por vezes, entende que a não heterossexualidade é apenas tida como prática sexual, reduzindo-a a um caráter discriminatório (CECCARELI, 2008).

Durante muitos anos e ainda na atualidade, o cristianismo desempenhou e desempenha papéis fundamentais no desenvolvimento ético e moral dos indivíduos, direcionando, muita das vezes, o comportamento da sociedade, como suporte principal a Bíblia, que é o instrumento principal de conhecimento do cristianismo.

Rocha (2019) entende que, mesmo que o indivíduo não tenha sido educado dentro do cristianismo, é inevitável não ocorrer influências através de pessoas que aderem aos valores religiosos, pois atualmente se vive em uma sociedade secularizada, onde esses valores estão cada vez mais enraizados no inconsciente coletivo. Por isso que, muitas das vezes, os não heterossexuais, de maneira intencional ou não, acabam-se tornando vítimas de interpretações bíblicas.

Percebe-se que o mundo se encontra numa era de transformações contínuas e, quando relacionados a determinados assuntos, descontrolada. É inquestionável que essas transformações auxiliam na conquista de direitos e de garantias relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+, contudo existem traços notórios e, por vezes, contraditórios, que advêm dessas conquistas, agregados primordialmente à não aceitação dos familiares e da sociedade de uma maneira geral.

Acredita-se que isso acontece porque o Cristianismo, em suas múltiplas faces – católicos, protestantes, evangélicos e neopentecostais, só para citar alguns exemplos, veem na homossexualidade, segundo os cristãos conservadores uma transgressão da lei divina ou um crime contra a natureza, sendo classificado no Velho Testamento como uma ‘abominação’ e um grande pecado diante de Deus. (ROCHA, 2019, p. 3).

Percebe-se, nos dias de hoje, um tipo de preconceito velado, que, na maioria das vezes, está interligado aos membros familiares e aos integrantes das instituições

religiosas. Muitos cristãos se utilizam da fé dos fiéis para persuadi-los a seguirem os preceitos religiosos, sob o argumento de ser a vontade de Deus. Um dos jovens entrevistados relata que:

Minha família, meu pai especificamente sempre fala para todos os vizinhos que me ama do jeito que eu sou, que não se importa com que roupa eu uso, só que quando chega algum amigo lá em casa eu não posso parecer como uma bicha, porque ficaria feio para ele. Já minha mãe, também fala que me ama do jeito que eu sou, só que sempre me fala que eu preciso me aproximar mais de Deus para me ver livre disso que eu sinto. O pastor da igreja que eu vou, fala isso também, que eu preciso me aproximar de Deus, para poder ficar livre. (LUCAS, 20 anos).

Não ser heterossexual fere o cristianismo como religião monoteísta⁸, já que conforme os preceitos cristãos, Deus queria que Eva e Adão multiplicassem, tendo assim filhos, para preencher toda a terra, conforme explicado em Gêneses (1:28). Através principalmente dessa passagem encontrada nas escrituras sagradas do cristianismo, os fiéis entenderam que o pressuposto básico da construção familiar é a união entre o homem e a mulher.

Porém, entra-se no seguinte questionamento: como Adão e Eva multiplicaram toda a terra sem quebrar um dos preceitos básicos do cristianismo, que é o incesto?

Rocha (2019) discorre, em sua tese, que as questões que permeiam os problemas relacionados à família estão intimamente ligadas aos papéis do masculino e do feminino, ou seja, emancipação feminina, liberdade sexual e uniões homoafetivas, e que, aos olhos do cristianismo, esses fatores conduzem ao que chamam de “crise da família tradicional”.

Os cristãos postulam que, a partir da criação formou-se assim a unidade heterossexual que determinou a primeira forma de ‘família tradicional’ como é considerada atualmente, principalmente pelos mais conservadores. Assim, partindo desse princípio da unidade heterossexual, qualquer união que fuja a esse padrão, como no caso da união homoafetiva, é contra os desígnios de Deus. Portanto, o relacionamento conjugal para os cristãos só é possível entre o homem e a mulher, e, conseqüentemente qualquer relacionamento que não seja heterossexual, não tem valor à luz da palavra de Deus. (ROCHA, 2019, p. 6).

Vê-se que o relacionamento não heterossexual não tem valor perante a palavra de Deus, uma vez que é apenas através do relacionamento entre homem e mulher que se pode atingir o que Deus “designou” para a construção da família

⁸ Os monoteístas seguem apenas a uma religião e creem em apenas uma única divindade.

tradicional.

Em meio às transformações elencadas acima, nota-se inclusive as mudanças no seio familiar, já que a não heterossexualidade é um dos possíveis temas que possuem mais questionamentos e embates dentro da esfera religiosa.

A intolerância em relação aos indivíduos que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ é mundialmente repercutida. Uma situação recente envolveu o ator Paulo Gustavo, que foi acometido com a Covid-19 e se encontrava internado em estado grave de saúde. O pastor José Olímpio, da Assembleia de Deus de Alagoas, declarou orar pela morte do ator⁹, e, em declaração dada pelas redes sociais, expôs sua indignação por fiéis estarem pedindo orações em prol da vida do Paulo, ao invés de pedir a “Deus” que o levasse para junto de si, já que o ator vivia sua vida em promiscuidade.

Outro exemplo em que foi utilizado a fé dos fiéis está relacionado com o protagonismo político do ex-presidente Jair Bolsonaro, que nunca escondeu suas opiniões a respeito do assunto, imputando a toda a população que a não heterossexualidade não era advinda do reino dos céus.

Durante seus anos na Câmara dos Deputados, Jair Bolsonaro ganhou fama por fazer discursos polêmicos e preconceituosos voltados para sua base conservadora, referentes à sexualidade. Inclusive, realçava que, quanto mais ele falava sobre esses assuntos, mais “fama” ele adquiriria e mais propagação o assunto teria.

Em 2014, Bolsonaro participou de um programa de TV discutindo a exibição do primeiro beijo de dois homens na novela da Rede Globo. Jair deixou claro que beijos e demonstrações públicas de afeto por não heterossexuais são comportamentos ofensivos que “mancham” a sociedade e ofendem as famílias brasileiras, ferindo assim os preceitos morais da sociedade conservadora e do cidadão de “bem”.

Jair Bolsonaro opunha-se firmemente ao projeto de lei da Câmara dos Deputados (PLC 122/2006), que criminaliza a homofobia e crimes decorrentes de discriminação ou preconceito de sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero, alegando que o projeto visava acabar com as famílias brasileiras porque

⁹ Informações disponíveis em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/pastor-que-ora-pela-morte-de-paulo-gustavo-sera-processado-por-homofobia/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

"qualquer coisa" poderia ser interpretada como homofobia.

O ex-presidente, diversas vezes, defendeu inclusive que os pais deveriam atacar fisicamente seus filhos para "mudar seu comportamento", se suspeitassem que eles fossem gays, como forma de ensinar o correto antes que fosse "tarde".

Todo esse preconceito velado de opinião carrega uma gama de seguidores, principalmente quando ele diz ser cristão e seguidor dos preceitos cristãos, alegando que, no Brasil, não existe homofobia, e que esse seria apenas um termo para afastar cada vez mais as famílias da tradição. Muito se fala sobre liberdade de expressão e liberdade religiosa, mas o que seriam esses termos e como eles são desconstruídos ao longo das falas e das atitudes de líderes religiosos?

A liberdade de expressão é o direito fundamental de todo indivíduo de se expressar livremente, de expressar suas opiniões e crenças, de receber ideias e informações. Em geral, a liberdade deve ser considerada um direito amplo. Não existe meia liberdade. Ou você é livre ou não é (ROCHA, 2019).

O derradeiro excesso encontrou respaldo no ordenamento jurídico para ser punido. E, mesmo nesse caso, podemos considerar que a pessoa é livre e, no exercício da sua liberdade, cometeu um crime ou dano de que é responsável, e deverá pagar como tal.

Já a liberdade religiosa consiste em líderes religiosos terem assegurado o direito de pregar suas convicções, desde que essas manifestações não se convertam em discursos de ódio, incitando hostilidade e violência contra a comunidade LGBTQIAPN+.

O que deve ser feito e o que realmente acontece, sabe-se que se encontram bem distantes. Muitos não heterossexuais, ao revelarem à comunidade as suas orientações sexuais, acabam sendo incentivados a ofuscarem seus sentimentos e passam a viver sob uma máscara de fingimento.

Assim, rejeitados por suas comunidades de fé ao revelarem sua orientação sexual, boa parte dos homossexuais são afastados não formalmente, mas pela intolerância, ódio, desprezo e indiferença. Muitos até tentam ofuscar seus sentimentos, fazendo de tudo para deixar de sentir atração física por pessoas do mesmo sexo, o que geralmente gera tormentos pelo peso da culpa que acham que carregam. Nesse aspecto as relações entre os cristãos e os homossexuais não é de todo pacífico, uma vez que lhes causa muito sofrimento. Eles são tratados como seres pecadores fazendo com que cada vez mais evitem revelar sua identidade sexual à família, à igreja que frequentam e a sociedade onde se encontram inseridos, como forma de

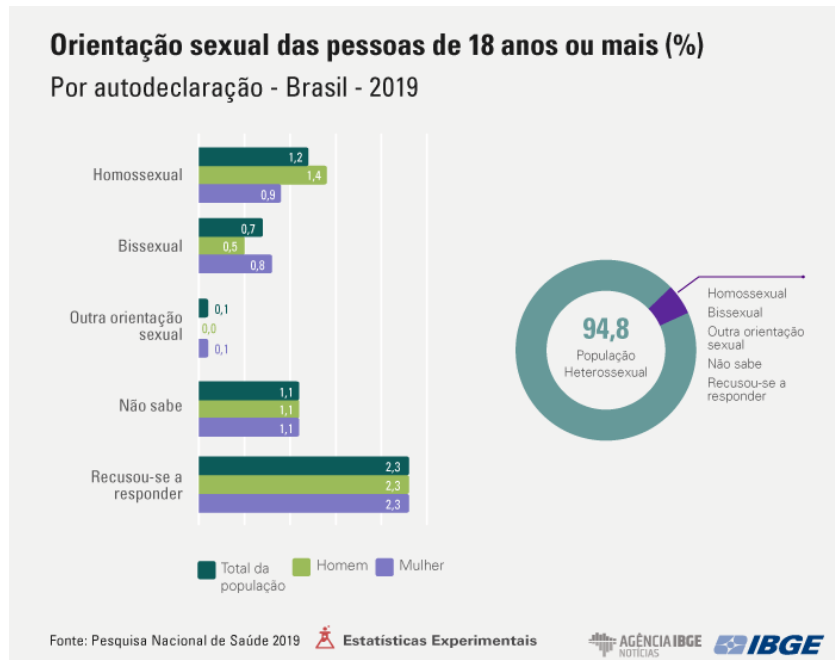
autoproteção. (ROCHA, 2019, p. 8).

Acredita-se que o grande problema que leva à intolerância religiosa aos não heterossexuais, com base na Bíblia, seja a matriz exegética utilizada, pois a forma como o texto é interpretado é fundamental. Tudo o que tem a ver com a não heterossexualidade, com ou sem razão, ainda é altamente rejeitado e perseguido em algumas sociedades e religiões, mas principalmente nas religiões monoteístas, como o cristianismo, mais conservador (ROCHA, 2019).

3.4 O Discurso Evangélico e a Não Heterossexualidade

Conforme dados do IBGE, 2,9 milhões de adultos acima de 18 anos declararam ser homossexuais ou bissexuais em 2019, o que corresponde a 1,8% da população adulta, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Orientação sexual das pessoas de 18 anos ou mais (%)



Fonte: Agência IBGE notícias (2022).

Sullivan (2019), professor de farmacologia e toxicologia, afirmou que, diante de suas pesquisas muitas pessoas ainda consideram a não heterossexualidade como uma escolha anômala, ou seja, consideram dessa “opção” um defeito.

Bruce Bagemihl, pesquisador canadense, tem documentado o comportamento não heterossexual em mais de 450 espécies, sob a argumentação de que esse não é uma escolha.

Do ponto de vista estritamente darwinista, a homossexualidade ainda não deveria estar por perto. Não é a melhor maneira de transmitir os genes, e para complicar ainda mais a ideia, nenhum “gene gay” foi identificado. De acordo com uma hipótese recém-lançada, a explicação pode não estar no próprio DNA. Em vez disso, à medida que um embrião se desenvolve, os genes relacionados ao sexo são ativados e desativados em resposta aos níveis flutuantes de hormônios no útero, produzidos pela mãe e pelo filho. Este cabo-de-guerra beneficia o feto, mantendo o desenvolvimento masculino ou feminino em um curso constante, mesmo em meio a picos de hormônios. Mas se essas mudanças epigenéticas persistirem uma vez que a criança nasça e tenha filhos por conta própria, alguns desses descendentes podem ser homossexuais. (NORTON, 2022, p. 3).

Baseado nesses e em outros dados durante toda a pesquisa, vemos que o sexo não é exclusivo do masculino e do feminino, em contrapartida, o sexo é uma continuação emergente da composição genética de uma pessoa. Todavia, a linha do preconceito e da não razoabilidade com as escolhas alheias leva os não heterossexuais à condenação ou a uma possível conversão, sendo constantemente perseguidos e discriminados.

Natividade (2005) revela que, em 2004, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, tramitava um projeto que gerou uma controvérsia a respeito da possibilidade de mudança da orientação sexual daqueles que se consideravam não heterossexuais.

Na época, foi feita uma pesquisa, entre evangélicos, sobre a concepção de homossexualidade, em conjunto com o Movimento pela Sexualidade Sadia e a Associação Brasileira de Apoio a Pessoas que Voluntariamente Desejam Deixar a Homossexualidade¹⁰, que visava entrevistar, nas comunidades pentecostais, homens que já tiveram algum tipo de relacionamento homossexual, pois buscavam entender como isso se dava em conjunto com a prática religiosa.

Conforme explica Natividade (2005), o tema repercutiu na imprensa, tendo inclusive um deputado religioso apoiando o movimento.

Homem e mulher foram criados e nasceram com sexos opostos para se complementarem e se procriarem. O homossexualismo apesar de aceito pela

¹⁰ É um grupo que reúne membros de diferentes denominações evangélicas, que possuem a comum ideia de que a homossexualidade é um pecado. É um grupo de pessoas que prestam aconselhamentos e são capacitados a lidar com o “problema” (NATIVIDADE, 2005).

sociedade é uma distorção da natureza do ser humano normal. Assim, a oportunidade de se apostar novamente na condição normal de procriação é louvável e por isso meu parecer é favorável. (DEPUTADO S. MALAFAIA – RELATOR *apud* NATIVIDADE, 2005).

Natividade (2005) elenca diversos estudos que a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo não vem de uma determinação divina, inclusive traz “relatos” de “ex homossexuais” que encontraram Deus e perceberam que viviam uma vida desregrada e pecaminosa.

O autor, em seu texto “Homossexualidade, Gênero e Cura em perspectivas pastorais evangélicas”, muito trata sobre as perspectivas de outros autores a respeito do surgimento da homossexualidade, mostrando que comunidades como a Assembleia de Deus apresentam uma perspectiva de cura milagrosa, em que o indivíduo se submete às prescrições religiosas, em decorrência do adoecimento sexual.

O ideal de cura enfatiza a necessidade de adequação do indivíduo às normas e às prescrições religiosas, visto que o adoecimento e os infortúnios, de uma forma geral, remetem ao apartamento de Deus e à submissão aos prazeres carnis. Fenômenos de cura espiritual podem ser mais bem entendidos se inseridos no contexto de atos ritualizados, que expressam a relação dos homens com o mundo por eles sobrenaturalizado ou com os poderes que atribuem às divindades. (NATIVIDADE, 2005, p. 122).

Percebemos que ainda tem muito a se construir a respeito do assunto, tendo em vista a “cura”. Subentende-se que ser não heterossexual é considerado, na perspectiva evangélica, uma doença, mesmo tendo sido retirada do rol de patologias em 1985.

Salienta-se inclusive a respeito de um grupo que existe na Igreja Universal do Reino de Deus em que realizei visitas, no qual quem se considera “doente” pela não heterossexualidade é convidado a fazer parte, uma vez que, para ser parte da vida em Deus, era necessário se abster dos pecados.

A constante referência ao demônio e a redescoberta de um mal personalizado reforçam o dualismo entre o bem e o mal e enfocam as *performances* que se realizam no culto religioso: a manifestação do demônio e sua confissão acerca do mal que causa aos fiéis fornece aos participantes um roteiro e um sentido para o sofrimento. Contudo, é também no contexto ritual que o crente aprende a derrotar o *maligno*. As orações poderosas, a corrente humana e a atuação do pastor, que exerce sua autoridade na expulsão dos demônios, tornam o culto uma espécie de aula de enfrentamento do mal. (NATIVIDADE, 2005, p. 123).

Natividade (2005) vem demonstrando, ao longo da escrita, que é possível perceber a distinção de três categorias do discurso evangélico, quais sejam: cura, libertação e restauração sexual.

A primeira é alcançada em um processo, referido como *cura das memórias*, o que indica a influência de um discurso psicologizante na prática religiosa. Já a *libertação* toma como ponto de partida a noção de *possessão* e enseja uma prática ritual na qual fiel e pastor encenam *performances* de expulsão do mal. A categoria *restauração sexual* circunscreve um ideal a ser atingido: a adequação a um modelo de gênero condizente com o ideal de homem e mulher de Deus. (NATIVIDADE, 2005, p. 123).

Logo, percebe-se que os evangélicos proferem seus discursos sobre a não heterossexualidade, afirmando ser passível de reversão através da conversão. Mesmo com os meios de informações e direitos garantidos, a não heterossexualidade ainda é vista como perversão, sendo diminuídos à promiscuidade e sujeitos paralelos aos ensinamentos divinos.

4 VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE E DA RELIGIOSIDADE NA SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS: UMA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A homossexualidade foi retirada do rol de patologias, conforme já explicado, mas o assunto voltou a ser pauta no cenário político brasileiro, através do projeto PDC 234/2011, com a proposta intitulada “Cura Gay”, em que a homossexualidade voltou a ser tratada como uma doença.

Mesmo com o advento do rol de direitos inerentes à comunidade LGBTQIAPN+ e com a grande visibilidade que o assunto tem tomado nos tempos atuais, ainda existem muitos caminhos a se traçar em busca de reconhecimento e de respeito. Segundo o relatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil¹¹, em 2020, ocorreram uma média de 237 mortes entre lésbicas, gays, travestis e transexuais. Já em 2021, ocorreu um aumento de 33,3% de mortes em relação a 2020, totalizando 316 mortes, um aumento numérico de 79 óbitos.

As informações são produzidas através do =Observatório de Mortes e Violências contra LGBTQIAPN+, em parceria com a Acontece Arte e Política LGBTI+, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Andra) e a ABGLT.

A idade das vítimas varia entre 13 e 67 anos, contudo a maioria enquadra-se entre 20 e 30 anos, uma vez que representou 30,38% dos casos. A avaliação geral é que pouco mudou em relação às medidas de enfrentamento da LGBTfobia por parte do Estado.

Mesmo em um cenário onde alcançamos conquistas consideráveis junto ao Poder Judiciário, percebemos a recorrente inércia do Legislativo e do Executivo ao se omitirem diante da LGBTfobia, que segue acumulando vítimas e que permanece enraizada no estado e em toda a sociedade. (CAMILA BOEHM, 2022).

A cada 36 horas, um LGBTQIAPN+ brasileiro é vítima de homicídio ou suicídio, o que engloba o Brasil como campeão mundial contra minorias sexuais, conforme informa o referido relatório. As violências sofridas vão além do contato físico, uma vez que ela pode ser caracterizada através da violência simbólica, conforme explica Bourdieu (2003), já que tende a ter efeitos psicológicos, causando danos morais, sendo um poder invisível perante o outro.

¹¹ Informações disponíveis na Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/numero-de-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-subiu-333-em-um-ano>. Acesso em: 18 jun. 2023.

Assim, é importante levar em consideração a percepção da não heterossexualidade dentro da esfera religiosa, uma vez que as dimensões da espiritualidade e da religiosidade acompanham o indivíduo desde os primórdios. A religiosidade possui influência nas relações interpessoais e no âmbito sociocultural do indivíduo, por meio de valores, crenças e emoções. Desse modo, as religiões interferem nas visões de mundo dos indivíduos e emprestam a esses alguns princípios no processo de socialização. Tais princípios também estão ligados aos comportamentos sexuais e às práticas sexuais (HENNING; GERONASSO; MORÉ, 2015).

Percebemos assim que a percepção de cada religião a respeito da homossexualidade pode influenciar diretamente na vida das pessoas, que podem vir a aceitar sua orientação sexual ou buscar uma “cura”, considerando a própria orientação sexual como uma patologia.

A breve convivência que tive ao participar de alguns dos cultos deixa claro que a denominação religiosa, por mais que defina normas e condutas a serem praticadas e vivenciadas, não consegue a adesão de todos os praticantes, sobretudo os não heterossexuais, já que os jovens, muitas vezes, não colocam em prática os ensinamentos recebidos, adotando uma postura interpretativa sobre os valores e as normas que a instituição lhe oferece.

4.1 Poder de Influência da Instituição Religiosa

É importante examinar como se deu a constituição da não heterossexualidade sobre o pano de fundo do poder disciplinador explicado por Foucault (2010). Em uma interpretação daquele autor, Salztrager (2021) entende que o poder se exerce também de baixo para cima, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, remetendo a um emaranhado imenso de relações que, em muito, ultrapassam aquela existente entre opressor e oprimidos.

Por isso, o interesse de Foucault recaiu sobre os poderes que se exercem na própria vida cotidiana dos sujeitos, nos agrupamentos que o atravessam e são por ele atravessados. Podemos aqui considerar que os grupos de convivência dentro das igrejas, por exemplo, podem-se constituir nesse poder que se exerce no domínio micro.

Percebe-se então que os micropoderes, como a instituição religiosa, são possuidores de grande parte da influência na atitude humana, assim a igreja detém o poder de influenciar diretamente a atitude do indivíduo a ela vinculado, interferindo nas dimensões de sua autonomia.

Um exemplo nítido dessa circunstância são os jovens que entrevistei para a pesquisa. Eles tendem a mudar sua forma de agir, vestir e se portar perante os demais, quando estão em convivência com os participantes das instituições, como forma de se enquadrar, anulando a própria personalidade e passando uma imagem que seja condizente ao senso comum vivenciado dentro das instituições.

Essa ideia dialoga com os argumentos de Erving Goffman.

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser. (GOFFMAN, 2002, p. 25).

Salztrager (2021) explica que, com o fim das monarquias e do poder absolutista, a sociedade europeia almejava o fim das punições e dos castigos corporais, e, em troca disso, optaria pelo processo disciplinar dos corpos e das mentes. Nesse momento, começa a se construir a ideia de que um corpo disciplinado desde a infância teria, como destino, ser um bom cidadão na vida adulta.

Segundo Salztrager (2021), sucedendo ao Antigo Regime, assistimos à constituição de uma sociedade que investiu todas suas forças na disciplina, com o objetivo de aprimorar a vida em comunidade e extirpar de seus domínios qualquer possibilidade de crime.

O autor ainda destaca que essa defesa de um indivíduo disciplinado teve a grande contribuição das Ciências Humanas, que passaram a tentar definir o que seria um comportamento normal ou anormal, saudável ou doentio, uma família normal, uma criança normal, um aluno normal.

Percebemos que a diferença entre normal e anormal passa a ser um instrumento e até um critério de aplicação de princípios disciplinadores ou corretores da anormalidade.

O autor destaca, apoiado em Foucault (2010), que o desejo sexual humano foi enquadrado dentro do universo dos instintos, ou seja, entendido como algo natural. Assim como o homem tem o instinto de procurar alimento quando está com fome, ele tem o instinto natural de procurar uma mulher para cópula.

Desse modo, de acordo com Foucault (2010), todo o comportamento sexual que saísse desse quadro seria visto como anormal. Percebemos assim uma confluência de vários conceitos como instinto, natureza e normalidade, que se entrelaçam para agir como disciplinadores.

4.1.1 Religião como instância socializadora

Peter Berger defende, em suas obras “A Construção Social da Realidade (1973)” e “O Dossel Sagrado (1985)”, que a religião é uma instância socializadora porque é um fenômeno social onde se revela sendo um espaço educacional edificado para institucionalizar as relações.

Nesse processo de construção entre a juventude e a religião, os jovens buscam compartilhar seus valores com a coletividade, tornando a religião uma fonte de socialização e também de educação. Os autores Franch (2008) e Scott (2004), em suas pesquisas, entendem que a religiosidade, na modernidade, tem concentrado suas atenções nos jovens, uma vez que tendem a ser um grupo “desordeiro”.

Percebemos então que a religião é utilizada como forma de manter a ordem, sendo uma espécie de entidade reguladora que, além de disseminar preceitos morais, tenta moldar e adequar os jovens aos padrões socialmente aceitos e considerados como verdadeiros para a sociedade. Assim, os jovens “[...] têm propensão a serem influenciados no que tange a namoro, família, amizades, questões de gênero, trabalho, tempo livre, música e expectativa social.” (SCOTT, 2004).

Com relação às instituições, Berger e Luckmann (2000) entendem que elas, apenas pelo fato de existirem, exercem um papel de controle sobre a ação humana, estabelecendo padrões de conduta. Para Oliveira (2012), essa dimensão coercitiva das instituições forma uma objetividade social, na medida em que garante uma padronização dos modos de agir e de pensar, e que se perpetuam ao longo das gerações.

Para o autor, a cada nova geração, os indivíduos passam a ter uma impressão de que a realidade social é quase uma realidade natural, pelo fato de que essa realidade existe para esses indivíduos desde o momento em que vêm ao mundo. Assim, a religião exerce esse papel de naturalização da realidade.

Podemos aqui afirmar que a naturalização se vai solidificando numa sociedade pela prática do costume. O costume assenta-se sobre a lógica de que aquilo que foi ontem deve ser para sempre, ou seja, a perpetuação e a naturalização efetivam-se por meio dele.

Podemos também considerar que o ritual religioso, os cultos e as celebrações desempenham um papel de atualização dos mitos e das narrativas sagradas. Essa atualização é feita por meio do discurso dos líderes religiosos que relacionam os textos sagrados com a realidade atual, dentro de seu viés doutrinário e ideológico.

Quanto à relação do indivíduo com a sociedade, Oliveira (2012) destaca que há um processo de interiorização, quando o indivíduo percebe um fato de forma imediata e o vê como algo dotado de sentido. O autor faz uma explicação sobre o processo de relação do indivíduo com a sociedade, que se inicia com um processo de exteriorização até à interiorização, ou seja, num primeiro momento, o indivíduo relaciona-se com o meio externo de forma impositiva, não tendo como fugir da dimensão social da existência.

A realidade externa passa a ser algo objetivo para o indivíduo, como algo que lhe transcende e, aos poucos, pelo processo de socialização, ele interioriza essa realidade.

Entendemos que, nesse momento, a religião ocupa um papel nesse processo de interiorização. A religião, como um espaço de socialização, acaba sendo determinante na legitimação de valores e crenças na perspectiva de construção do sentido da vida e das práticas.

Em “O Dossel Sagrado” (1985), o autor analisa a legitimação que sustenta a manutenção do mundo e que é dividida em 4 níveis: 1 – Nível pré teórico, que são os provérbios; 2 – Nível teórico onde ocorre a explicação desses provérbios; 3 – Nível altamente teórico, que é quando todas as legitimações são abrangidas, e é aí que a consciência teórica é sintetizada. É nessa linha que a religião também tem seu meio legitimador.

Berger (1985, p. 85) fala-nos que “[...] toda legitimação mantém a realidade socialmente definida”. Se, por exemplo, o indivíduo religioso acreditar que sua igreja foi criada por “Jesus”, o mesmo se forçará de certa forma a aderir aos valores daquela igreja.

Poderíamos afirmar que a naturalização daquilo que é cultural promove uma maior submissão e aceitação por parte do indivíduo dos valores dessa instituição e religião, a tal ponto de ele poder anular a própria individualidade em favor da sua igreja?

Oliveira (2012) debate sobre o conceito de *nomos* em Berger, como sendo o mundo construído socialmente, um mundo ordenado e significativo em oposição ao caos, à desordem e o terror. Quando esse *nomos* se torna socialmente estabelecido, há uma fusão de seus significados com os significados que se consideram fundamentais no universo. E assim acontece o processo de naturalização da realidade e do mundo social, formando um todo de significados socialmente construídos.

Berger (1971) entende que essa naturalização promove uma compreensão de que as criações sociais são sagradas por natureza, e atribui um significado sagrado a coisas que em si mesmas não possuem qualquer significado.

Esse processo de naturalização assume um papel de legitimação, que é, segundo o autor, um aspecto necessário à manutenção e à reprodução da ordem social estabelecida. Há um pressuposto que o homem tem necessidade de explicações e justificativas para aceitar as coisas tal como a ele se apresentam (OLIVEIRA, 2012).

Sendo assim, a religião assume essa função de legitimar as instituições sociais, afirmando os discursos e as concepções morais dessas instituições. Mas poderíamos nos perguntar se a religião possui esse tal poder numa sociedade do século XXI, e Berger (2000, p. 2) vai nos dizer que sim: “O mundo de hoje, com algumas exceções que logo mencionarei, é tão ferozmente religioso quanto antes”.

Para o autor, a modernidade trouxe consigo seus efeitos secularizantes, por outro lado ela também provocou o surgimento de poderosos movimentos contra a secularização.

Algo muito interessante dito por Berger (2000) é que as instituições religiosas podem até ter perdido seu poder e influência, mas, por outro lado, crenças e práticas

religiosas antigas ou novas permaneceram vivas na mentalidade das pessoas, às vezes assumindo, segundo o autor, novas formas institucionais e até mesmo levando a grandes explosões de fervor religioso.

Aqui cabe destacar que, no momento atual, podemos nos deparar com instituições e manifestações religiosas com outro formato distante um pouco do mundo tradicional, e assumem, como disse Berger, novas formas institucionais que buscam dialogar com novos elementos, talvez mais atrativos aos jovens.

Nesse sentido, com o objetivo de tornar a questão religiosa mais “agradável” no ponto de vista juvenil, o movimento pentecostal adentra em sua terceira onda, formando o neopentecostalismo, que aparentemente é uma instituição mais “aberta” ao “desconhecido”, contudo, segundo Guimarães (2018, p. 30):

O distanciamento histórico-teológico do neopentecostalismo praticado na América Latina em relação às práticas do pentecostalismo clássico e da Teologia Reformada favorece um suposto esquecimento religioso e social, e isto gera nos adeptos ares de novidade e atratividade moderna, favorecendo certo frenesi entorno de uma religiosidade adequável ao capitalismo neoliberal urbano competitivo, com promessas de acessão social e desvinculação social/educativa.

O movimento neopentecostal, na América Latina, tem atraído multidões e também exercido forte influência no cenário político eleitoral. Berger (2000, p. 7) afirma que, especialmente na América Latina, “[...] a conversão ao protestantismo provoca uma transformação cultural e atitudes novas em relação ao trabalho e ao consumo”. É possível perceber que existe, na América Latina, uma fusão entre a economia e a religião num processo de legitimação da meritocracia e do neoliberalismo.

Há um processo de legitimação da responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso no campo econômico. Ser próspero passa a ser uma condição de todo aquele que recebe as bênçãos de Deus e, para que essa prosperidade ocorra, faz-se necessária a mediação das igrejas, ou seja, que o indivíduo frequente e pague em dia seu dízimo.

Para Berger (2000, p. 11) os novos evangélicos, em suas igrejas, estimulam valores e modelos de comportamento que contribuem para a modernização. “Os evangélicos vão querer ler a Bíblia; sua vontade de ler a Bíblia estimula a alfabetização, e para além disso, uma atitude positiva em relação à educação e ao progresso individual”.

Vemos, portanto, que o progresso, a responsabilização e a culpabilização individual são elementos marcantes dessas “novas igrejas evangélicas”, tidas como neopentecostais. Oliveira (2012) questiona se essa realidade não nos pode fazer pensar que a religião pode ter perdido seus atributos tradicionais e se tornado totalmente permeável à lógica do mercado.

Berger (1971), ao falar sobre o processo de secularização na modernidade, entende que as religiões institucionalizadas, de certa forma, perderam seu monopólio, formou-se aquilo que ele chama de pluralismo religioso.

Nessa perspectiva do pluralismo, as religiões passaram a atuar dentro da lógica de mercado, o que, segundo o autor, levou-as a adaptarem “[...] seus ritos e crenças, de forma a atender a demanda das consciências individuais, com o intuito de atrair o maior número possível de fiéis”.

Diante do exposto, podemos levantar algumas questões: com o objetivo de atrair mais fiéis, como as igrejas neopentecostais lidam com as individualidades e as subjetividades dos jovens que fazem parte dessas instituições? Como se dá esse processo de conciliação de valores tradicionais, fundamentados na Bíblia, com as liberdades individuais?

Dito isso, podemos elencar o movimento pentecostal, como um dos movimentos que mais distanciam os jovens das práticas sociais, tendo em vista serem norteados da noção de santidade e de não contaminação com as práticas ditas como “mundanas”, tornando-se explícito, por meio de toda a liturgia pentecostal, o desenvolvimento da fé com as evidências dos dons do Espírito Santo (GUIMARÃES, 2018).

A luta na esfera da sexualidade envolve o uso de algumas estratégias e, sobretudo, a vontade do indivíduo em resistir as prováveis tentações que serão postas em seu caminho. [...] É preciso saber “desviar dos maus caminhos” e resistir durante diante de uma grave provocação. (NATIVIDADE, 2007, p. 95).

Os jovens buscam, cada vez mais, enquadrarem-se na sociedade e, mesmo que o jovem viva uma vida dupla, a religião é uma forma de inserção nesse meio. A religiosidade ainda é um ensinamento perpassado de mãe para filho, e muito se tem discutido a respeito dessa transmissão religiosa intergeracional, conforme discorre Fernandes (2011).

A autora analisa que as instituições religiosas não funcionam exclusivamente como fonte de expressão religiosa. Em seus estudos Fernandes (2011), identificou que jovens que declararam não acreditar em Deus estavam presentes nos encontros religiosos.

Assim, as instituições funcionam também como espaços de sociabilidade para o segmento juvenil. Percebe-se inclusive, que, através das entrevistas realizadas pela referida autora, uma “das piores coisas de ser jovem” é o controle dos pais, resposta que estava presente em 15,5% dos jovens pentecostais entrevistados.

Nota-se que a família, em especial a genitora, é a grande responsável pela inserção do jovem na instituição religiosa, fazendo com que ele permaneça no núcleo religioso por mais tempo.

4.1.2 Sexualidade X Castidade

Analisando os dados coletados, vemos respostas bem semelhantes, principalmente no quesito castidade. O tema “castidade” foi um assunto pertinente entre os jovens, já que, de 21 entrevistados, o tema foi citado pelo menos duas vezes a cada entrevista.

Eles relataram que as instituições se mostravam completamente “acolhedoras” e que não praticavam nenhum tipo de discriminação, contudo, para vivenciar o “reino dos céus”, conforme Maurício de 20 anos relatou, era necessário desvincular-se dos “prazeres do mundo” praticando a castidade.

De maneira geral, o cristianismo sempre voltou sua atenção à sexualidade, com o intuito de reprimir sua expressão, já que era visto como algo negativo. No quesito castidade, Santo Agostinho (2000) foi um dos pioneiros a defendê-la, afirmando que a vida espiritual não condizia com a vida sexual.

Ao ser perguntado o que seria a castidade, Manoel, de 21 anos, respondeu:

Aqui, na igreja, castidade é você se dedicar completamente a sua vida a Cristo. Sem deixar que os desejos do corpo sejam maiores. E o meu caso que sou gay, a relação sexual é pecado, porque aqui nos falam que o intuito do sexo é para poder ter filhos, e que o ato sexual por puro prazer não nos leva ao reino dos céus.

Luan, de 27 anos, falou sobre o que chamam de lei da castidade, que nada mais é do que ter relações apenas com o cônjuge. O jovem salientou que a castidade

não está relacionada apenas com o ato sexual em si, mas a qualquer atitude que desperte desejos no outro e nele próprio.

Marina de 18 anos, relata que, nos cultos cujo tema é a castidade, é revelado que “Satanás” possui grande poder de persuasão, ao convencer o cristão a romper a lei da castidade, inferindo falsas verdades ao induzir o indivíduo a acreditar que não existe pecado em desejar o próximo antes do casamento.

Acho que já estive presente em uns 15 encontros em que foi discutido sobre castidade. Mas é aquele negócio né, se a gente quiser fazer parte completamente da igreja, a gente tem que ouvir o que é falado lá dentro. Mas é muito complicado, principalmente para mim, porque não adianta muito. Eu quero poder viver conforme acho certo, mas isso também não quer dizer que eu não acredito em Deus. Eu só penso que ele me aceita da forma que eu sou. (MARINA, 18 anos).

Isso também está relacionado com os pensamentos e com as vestimentas. E, caso a lei da castidade fosse quebrada, seria necessário muito jejum e oração que ultrapasse o tamanho do pecado.

Esse mesmo jovem relatou que ter ido a uma festa LGBTQIAPN+ no “Vale”¹², escondido dos seus familiares, contudo, dias depois, um amigo postou uma fotografia em uma rede social de que a tia do jovem é usuária. Essa mesma tia relatou o ocorrido na igreja, fazendo com que o pastor chamasse o jovem para uma conversa.

O líder religioso então ressaltou a importância da castidade e da vida em “Cristo Jesus” e recomendou que o jovem ficasse de jejum por três dias e realizasse orações diárias por um mês para se ver livre desse pecado.

O jovem não conseguiu realizar o jejum e nem as orações, pois se via preso em algo que não acreditava, entretanto não se consegue desvincular da instituição, já que seus familiares realizam diversas ameaças de que, caso aconteça o desvínculo, ele será deserdado da família, e terá de arcar com os custos da vida adulta, pagar a própria faculdade e viver só.

Vemos, através das falas, a presença da repressão que circula o diálogo entre os pais e os filhos. Através das entrevistas, notamos que existe a tentativa de conversa sobre o que vem afligindo esse jovem para com seus pais, porém a postura de repressão por parte dos genitores vem desencadeando conflitos internos e de

¹² Local em que comumente ocorrem festas direcionadas à comunidade LGBTQIAPN+, conforme Juca, de 26 anos, elencou.

convivência com os próprios familiares.

Percebe-se, ao longo das entrevistas, que a maioria desses jovens realiza tratamentos psicológicos, pois vivenciam conflitos internos de identidade, visto que não podem viver da forma que desejam, anulando muitas das vezes o próprio eu.

Por conta desses conflitos internos, quatro dos jovens entrevistados já tentaram suicídio, porém não quiseram ir a fundo nesse assunto. Porém um deles salientou que sua tentativa de suicídio não era para acabar com a sua vida, mas sim matar aquilo que não era aceito dentro dele.

Recentemente, em 10 de dezembro de 2022, recebi uma ligação de um dos jovens entrevistados, o Yan, de 28 anos, informando que seu amigo Miguel, de 19 anos, que também fez parte dessa pesquisa, cometeu suicídio em sua própria residência, durante o período da noite, enquanto seus familiares estavam dormindo. O jovem foi encontrado pela mãe, que, ao chamá-lo pela manhã, não obteve respostas, e adentrou em seu quarto, acreditando que o menino não a tinha escutado. Foi nesse momento que, segundo Yan, a mãe do jovem percebeu algo de errado e ligou para a emergência. Após algumas horas, foi constatado que o jovem havia ingerido diversos comprimidos, ocasionando uma super dosagem medicamentosa, levando a óbito.

Pessoas LGBTQIAPN+ têm quatro vezes mais chances de cometer suicídio, se comparado com a população geral, exatamente por viver em anulação constante do próprio eu, tendo que se submeter a diversos paradigmas para conviver em sociedade, como cidadão de direito, conforme explica o psicólogo Jonnanh Nascimento¹³.

4.2 Poder de Influência da Instituição Familiar

A família é a primeira instituição com a qual o indivíduo tem contato, e é a partir dela que se inicia o processo de socialização. Através das regras e do sistema de valores próprios, a família é capaz de ensinar e de influenciar comportamentos e atitudes a esses seres, impactando-os diretamente e constantemente no dia a dia. Por

¹³ Informações disponibilizadas na revista online Cidadania, disponível em: <https://www.ecycle.com.br/consequencias-da-homofobia/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

volta dessas atitudes e comportamentos que as crianças e os adolescentes vão adquirindo personalidade no decorrer dos anos. A família é vista também como uma instituição que nunca fora substituída.

A instituição social da família é tida como a mais antiga da humanidade pois, além de ser uma instituição, é um conjunto de pessoas reunidas pela ligação sanguínea ou por afinidade.

O modelo patriarcal conforme denomina Porférico (2021), nos primórdios da humanidade, era o modelo de família estabelecido, quando o patriarca era o provedor e possuía a responsabilidade de cuidado e de responsabilidade para com os filhos e esposa, enquanto a matriarca se deveria ater aos deveres da casa como a educação dos filhos e os cuidados com a casa.

Esse modelo familiar perdurou por milênios, contudo, na contemporaneidade, percebemos que muitas famílias não se enquadram nesse modelo. Atualmente vemos famílias compostas apenas pelas mães, ou apenas pelos avós, e até mesmo por parentes e amigos próximos.

Entretanto a sua função social não se modifica. Hoje “família” refere-se a afeto e afinidade, ficando claro que seja ela composta por dois iguais ou dois diferentes. O intuito é iniciar um processo de socialização da criança e do adolescente e, mesmo com toda a mudança na sociedade, muitos desses seres ainda são privados desse direito.

A responsabilidade da família é mundialmente conhecida como primordial e moral, em decorrência da proximidade já existente no nascimento, exatamente por ser o primeiro ambiente social no qual a criança tem contato social e afetivo.

Dallari (2002, p. 58) argumenta que existe uma maior possibilidade de responsabilidade pela família e diz:

Se a família for omissa no cumprimento de seus deveres ou agir de modo inadequado, poderá causar graves prejuízos à criança e ao adolescente, bem como a todos os que beneficiarem com seu bom comportamento e que poderão sofrer os males de um eventual desajuste psicológico ou social.

Por fim, a formação de personalidade da criança e do adolescente depende de 1/3 da família, a qual será determinante na vida futura. Como dito, a família é o primeiro contato que o indivíduo tem ao nascer, o primeiro contato com a sociedade

(DALLARI, 2002).

A preservação das memórias, no seio familiar, é uma forma de garantir segurança e conforto. Ela confere aos seus membros o senso de pertencimento de participação. Mais do que uma forma de se relacionar com o passado, ele é uma confirmação dos laços sociais e uma reafirmação desses laços no tempo presente.

A família é a responsável pela manutenção dos elementos essenciais à vida humana: abrigo, alimento e apoio emocional. A partir da base familiar, construímos e reproduzimos o comportamento social que é passado. Nesse sentido, para a Sociologia, a família é considerada uma instituição social cuja função é oferecer tais elementos essenciais à vida.

Além disso, a família é uma célula da sociedade, ou seja, as diferentes famílias refletem, em menor escala, o que são as diferentes sociedades. Cada família tem características próprias e, portanto, oferece possibilidades específicas de convívio e de formação cultural dos seus membros. O modelo de família que predominou, ao longo da história, foi chamado família nuclear (PRATTA; SANTOS, 2007).

Trata-se da família composta de pais e filhos residentes em uma mesma casa. É um padrão característico das sociedades industriais urbanizadas e foi moldado pelas condições econômicas e geográficas desse contexto.

É a família que, em primeiro, encarrega-se de promover a socialização dos indivíduos, tornando-os aptos a participar da vida social. A socialização é um processo de aquisição de símbolos e de linguagem dos sistemas sociais aos quais estamos inseridos, e ela se transforma e se refaz ao longo de toda a vida. O comportamento é desenvolvido baseado na atitude dos próximos. Durante seu desenvolvimento, valores e costumes vão sendo incorporados.

Normalmente se desenvolve em tais condições a identidade da criança sem maiores dificuldades – nem mesmo com “crises de sentido” – da mesma maneira como se formou a identidade de seus pais: em concordância com as categorias biográficas e o sistema de valores do reservatório histórico de sentido de sua sociedade. (BERGER, 2018, p. 26-27).

Dessa forma, todas as vontades, interesses, opções e atitudes vão sendo reprimidas, já que instintivamente o indivíduo se vê atrelado à identidade dos pais. Pratta e Santos (2007) inclusive discorrem a respeito desse “vínculo”, já que, segundo os autores, as atitudes educacionais dos responsáveis são baseadas nos

princípios vinculados à moralidade religiosa.

Berger e Luckmann (2004) consideram que atualmente existem dois tipos de socialização: a primária e a secundária. A socialização primária ocorre desde o nascimento e ao longo da infância. Nessa fase, o indivíduo depende inteiramente dos outros, chamados outros significativos, e do ambiente em seu em torno, não tendo condições de exercer juízos sobre o que lhe é apresentado.

Nessa fase, o aprendizado ocorre por imitação, e o processo de internalizar ação dos valores é realizado de modo integral e sem questionamentos. Na mesma fase, é que se constrói a personalidade, por meio da interiorização das atitudes dos outros, especialmente das pessoas do núcleo familiar. Por tal motivo, considera-se que a socialização primária é definitiva.

Já a socialização secundária é a fase na qual o indivíduo é inserido em outros espaços e grupos sociais que não aquele da família e do lar. É quando as pessoas passam a entrar em outros grupos de convívio, como as instituições religiosas.

Durante adolescência, ocorre um período de ruptura, no qual o indivíduo se torna capaz de reagir ao ambiente e as ideias, valendo-se das experiências e do esboço de uma percepção crítica do mundo.

Geralmente, inicia-se um processo de resistência e de rebeldia, onde ocorrem muitos questionamentos sobre a validade daquilo que é imposto. A socialização secundária, portanto, pode ser relacionada constantemente. Ela começa na adolescência e se estende por toda a vida (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Um traço importante da instituição familiar é que ela preserva sua memória. Dentro de cada família, existe uma narrativa sobre sua origem, sobre seus laços de parentesco e que é preservada e transmitida entre gerações. Um exemplo simples e palpável são as de fotos de família.

Muitas famílias mantêm um hábito de se reunir para ver essas fotos e conversar sobre as histórias familiares, assim como as crenças religiosas que vêm sendo perpassadas através das gerações.

Essas narrativas têm a função de ensinar às novas gerações os valores da família. Contudo, ao mesmo tempo, elas ensinam os valores e costumes sociais próprios, impedindo muitas vezes o próprio indivíduo de escolha (BERGER;

LUCKMANN, 2004).

A família é formada principalmente por relações de parentesco. Essas relações são a base para definir as funções de cada membro da família e os comportamentos a eles atribuídos.

Tais funções são transmitidas entre gerações, por meio da memória cultural. A memória cultural define a organização de uma família. Ela é compartilhada por meio de gestos que ensinam às novas gerações como cada membro deve agir (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Um exemplo é o fato de muitas meninas, filhas de dona de casa, crescerem vendo suas mães se ocuparem exclusivamente de afazeres domésticos. As meninas provavelmente entenderam que seu papel é esse apenas por observar suas mães. Compartilham uma memória familiar a esse respeito, ou seja, um grande conjunto de lembranças que as levam reproduzir os comportamentos, contudo percebe-se que nem sempre essas memórias são o que o jovem quer carregar para si.

A memória, mesmo quando gerada no seio familiar, não diz respeito apenas a família. O ato de lembrar é uma forma de interação cultural que atinge e afeta todos os membros de uma coletividade.

Halbwachs (1990, p. 81-82) afirma que:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trata de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingo de nós: por que temos sempre conosco em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. [...] A memória coletiva se distingue da história pelo menos sobre dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo [...] já que retendo passado somente aquilo que está vivo ou capaz de ver na consciência do grupo que a mantém.

A vida social é um processo contínuo de interações, e essa se transformou em consonância com as necessidades de cada fase da vida de cada momento histórico. Podemos concluir que a memória social é um desdobramento da memória individual e familiar.

Diversos estudos da Sociologia apontaram que a família é uma instituição em processo de adaptação de renovação constante. Essa percepção está presente na obra de Durkheim (2012), que analisou o modelo de família vigente na Europa de sua

época. O autor mostrou que as diferenças em relação a outros arranjos do passado eram derivadas das circunstâncias de cada época.

Portanto, mesmo que existam arranjos familiares predominantes, devemos considerar que há outros modelos presentes na sociedade, existem muitas possibilidades de relações familiares, motivo pelo qual o conceito de família deve ser entendido de forma plural: famílias.

Como se pode enxergar nas entrevistas realizadas, os jovens veem-se na obrigação de permanecerem nas instituições religiosas sob o “domínio” familiar, no qual ele é obrigado a permanecer, já que dependem financeiramente e psicologicamente de seus familiares. Ao crescer, o jovem passa a tomar consciência dos próprios interesses, entrando em “conflito” com as diretrizes vivenciadas no passado.

Verificando a fundo os dados coletados, percebemos a forte influência familiar que, mesmo no século XXI, ainda é uma das instituições que mais transmite valores.

Contudo cabe questionar: os familiares possuem consciência dessa influência? E, se sim, sabem que seus membros se sentem na necessidade de corresponder às expectativas que são criadas, mesmo tendo que anular seus valores?

Questionamentos como os elencados acima vão sendo formulados após relatos dos entrevistados, onde discorrem sobre a relação com seus familiares, em específico, sobre aqueles que residem junto dos jovens. Um exemplo é Millena, de 23 anos, que diz:

Eu tenho um amor inexplicável pelos meus pais, não estou nem entrando nessa questão, mas minha mãe, por exemplo, se utiliza de termos que ela diz ser para o meu bem, mas é nítido que ela não concorda com minhas escolhas. Uma vez, apresentei a ela uma menina que eu estava gostando e deixei claro que estava me apaixonando, porém ela pediu que eu não falasse nada para o restante da família e que provavelmente eu estava confundindo amor de amiga e amor de namorado. E que eu deveria pensar no futuro, porque ela estava me criando para construir minha família e que ela só queria me vez feliz.

E logo depois, eu terminei com a menina, já que era impossível manter qualquer tipo de aproximação sem ser escondido. Cheguei até a me relacionar com um homem, o que foi a felicidade para minha mãe, até meu pai que raramente falava comigo, resolveu falar que estava orgulhoso que finalmente eu tinha tomado jeito.

Mas também não deu certo, porque eu não conseguia me envolver emocionalmente com ele, então achei injusto continuar com algo só para deixar outras pessoas felizes, sendo que eu mesmo estava me sentindo mal.

A questão familiar foi-se tornando um dos principais temas relatados durante

as abordagens com os jovens, já que quatro das principais perguntas do roteiro de entrevistas elaborado (conforme anexo), possuem ligação direta com o tema relacionado à família.

Contudo, conforme o assunto ia sendo desenvolvido, tornava-se nítido que, mesmo sendo totalmente capazes em relação à idade civil e mental, os jovens ficavam preocupados com a possível exposição das conversas, pois tinham receio de que os familiares descobrissem o que estava sendo relatado.

Foi reafirmado que tudo o que fosse utilizado durante a pesquisa não seria denominado e, mediante isso, tornou-se necessário entender esse “medo”. Assim, foi-me explicado que:

Se meu pai descobrir que tenho relações com mulheres também, ele provavelmente me expulsaria de casa. Falo isso, porque já presenciei ele tendo atitudes completamente homofóbicas com meus amigos, mas sempre dizia que não tinha nada contra, mas que não queria perto dele. Fala que agradece todos os dias a Deus, por que os filhos dele são normais. Mas sempre fala isso olhando direto para mim. (LETÍCIA, 20 anos).

Sabe-se que as relações familiares são de extrema importância para o desenvolvimento social do indivíduo, mas que nem sempre são praticados de maneira saudável, em prol dos interesses dos jovens.

4.3 Identidade e Autorreconhecimento

Durante as entrevistas, os jovens relataram que, por vezes, não se reconheciam e que sempre tentavam analisar todas as circunstâncias que os levavam a agir conforme solicitavam e não conforme queriam. Conforme elencado por um dos entrevistados, era necessário não demonstrar certos interesses quando estivessem presentes outras pessoas, além de mudar a forma de vestir para passar uma imagem “normal”, era necessário também fingir que estava tudo bem.

Durante um tempo, eu comecei a acreditar que a situação de eu desejar outra mulher era porque eu tinha alguma doença. Então, passei a me vestir de maneira mais feminina, usando vestidos e saias, mesmo não sendo meu estilo. Mas, mesmo depois, tendo entendido que não era uma doença e sim uma situação normal dentro de mim, tive que continuar a usar essas roupas, para que minha avó não achasse ruim. Às vezes, dentro de casa, ela não se incomodava por eu estar de boné ou de calça de moletom, porém, uma vez, quando eu era mais nova, resolvi cortar meu cabelo bem curto e, quando a minha avó viu, ela quase infartou e não deixou que eu saísse de casa, nem para a escola, nem para a igreja e nem lugar nenhum. Avisou a todo mundo que eu estava doente e que não poderia sair. Ela queria que eu usasse uma peruca para disfarçar o meu cabelo de menino macho, como ela falou. (LUDIMILLA, 27 anos).

Goffman (2002), destaca que existem diferentes maneiras de coletar elementos para obter dados sobre outros. Em outras palavras, quando um indivíduo se comunica, ele tenta convencer os outros da impressão que deseja transmitir, de modo que o papel desempenhado resultará no que deseja transmitir.

Dessa forma, Goffman (2002) traça uma nova analogia com o teatro que apresenta dois extremos: o ator pode realmente acreditar que seu palco é uma realidade real; e o ator pode não estar totalmente engajado em sua performance, nem o público acreditar em nada, fazendo um comparativo entre esses dois polos.

Mirella, de 26 anos, durante a entrevista, revelou que sempre foi muito tímida e que não tinha muitos amigos, além dos colegas de faculdade e da igreja, porém sua genitora sempre insistia que ela frequentasse mais os encontros da igreja e encontrasse amigos homens na faculdade, para que pudesse começar a dar início na construção de sua família.

Minha mãe não gostava muito que eu andasse com as poucas colegas que tinha na faculdade, mas queria que eu tivesse mais contato com os meninos, para poder construir minha família. Era as vezes contraditório, porque ela não queria que eu saísse muito porque isso poderia parecer que eu era uma vagabunda, e ao mesmo tempo ela queria que eu conhecesse mais pessoas, homens no caso, para poder construir família. Fazia questão de eu andar só maquiada, porque isso mostrava que eu poderia ser uma boa esposa.

Como se sabe, os indivíduos precisam fazer parte de um grupo social para serem inseridos na sociedade. Os papéis que serão desempenhados, ao longo da vida, já se encontram, de certa forma, definidos. Apenas como “bom homem” ou “uma boa mulher”, um bom marido, uma boa mãe e afins.

Quando um indivíduo se encontra perante outros, estes indiretamente procuram obter informações daqueles que o cercam. Essas informações servem para categorizar a situação em que se encontram, seja por razões socioeconômicas, ou por questões de capacidade confiança (GOFFMAN, 2002).

Através das percepções que os indivíduos acumulam de todas as experiências que vivenciam e de todos os cenários em que estão presentes, passam a ter uma opinião mais concreta do meio social em que estão inseridos.

Entretanto, durante o período em que o indivíduo está na presença imediata dos outros, podem ocorrer poucas coisas que deem diretamente a informação conclusiva de que precisarão para dirigir inteligentemente sua própria atividade. Muitos fatos decisivos estão além do tempo e do lugar da interação, ou dissimulados nela. Por exemplo, as atividades “verdadeiras” ou “reais”, as

crenças e emoções do indivíduo só podem ser verificadas indiretamente, através de confissões ou do que parece ser um comportamento expressivo involuntário. Igualmente, se o indivíduo oferece a outros um produto ou presta um serviço, eles frequentemente acharão que durante a interação não haverá tempo nem lugar imediatamente disponível para apreciar o prato no qual a prova pode ser encontrada. Serão forçados a aceitar alguns acontecimentos como sinais convencionais ou naturais de algo não diretamente acessível aos sentidos. (GOFFMAN, 2002, p.11-12).

Percebe-se que os jovens entrevistados, quando se encontram na presença de outros, tendem a exercer e reproduzir aquilo que encontram, tornando suas atividades em caráter promissório. Assim, revela-se que o sujeito está propício a criar um protótipo dele próprio, para mostrar à sociedade um “eu” que seja aceito e que demonstre confiança.

A segurança que justificadamente sentem ao fazerem inferências a respeito do indivíduo variará, é claro de acordo com fatores tais como a quantidade de informação que possuam a seu respeito, mas nenhuma quantidade desta documentação passada pode evitar inteiramente a necessidade de agir com base em inferências. (GOFFMAN, 2002, p. 13).

O que se torna nítido é que, na maioria das vezes, o jovem entrevistado tende a se submeter às interferências alheias para ser aceito em algum meio e depende dele, de certa forma, passar a harmonia que deseja. Será do interesse dele regulamentar a forma como é tratado, então ele passa a buscar mecanismos de se enquadrar nessa realidade.

Goffman (2002) entende que o indivíduo, quando se encontra na presença de outros, existe alguma razão intrínseca que o leva a atuar, de maneira a revelar uma impressão que o outro deseja ver e não necessariamente o que verdadeiramente é.

Vemos que o indivíduo passa a viver de fantasias e de personagens, agindo de forma completamente planejada, “[...] expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levar levá-los a uma resposta específica que interessa obter.” (GOFFMAN, 2002, p. 15).

O indivíduo, ao se apresentar diante da sociedade, procura formas de controlar a impressão que passa aos outros. O indivíduo não é autêntico por si mesmo, ele utiliza, como base, o outro para “sustentar” máscaras para conviver e viver no meio social (GOFFMAN, 2002).

Percebemos que se torna “necessário” se utilizar de representações para que

se adentre no meio. A situação cotidiana trata-se do envolvimento do indivíduo naquele meio e em como ele vai se portar naquele ciclo.

Entramos na questão do jovem LGBTQIAPN+, em que ele precisa sustentar uma representação para ser aceito no meio religioso em que se encontra, e é necessário que ele se interesse na própria “atuação” para que sua “plateia” reafirme aquela posição que o próprio se propôs.

Goffman (2002) explica que, quanto mais um indivíduo desempenha uma mesma representação para um mesmo público, existe uma grande possibilidade de surgir um relacionamento social no meio que se está inserido. Não quer dizer que a representação feita seja uma enganação; trata-se apenas de um interesse pessoal que o indivíduo julga ser necessário para aquele meio.

Pensando dessa maneira, podemos inserir essa representação nas próprias instituições religiosas, que precisam desempenhar um papel de acolhimento com base na fé dos fiéis, revelando que, através da crença, a pessoa passa a fazer parte daquele meio social.

Eu vejo, que a igreja que minha família faz parte, e que eu de certa forma também faço, mostra as pessoas que todo mundo é aceito como é, independente das diferenças. Só que as coisas funcionam de maneira diferente depois que a gente passa a frequentar a igreja. Todo mundo é aceito, mas existem diversas palestras e apresentações do porque ser homossexual é pecado.

Uma vez perguntei ao pastor e ele me respondeu que era impressão minha e que a igreja, auxilia na remissão dos pecados. Que lá, ninguém é excluído, até porque Jesus sempre aceitou todo mundo, desde que as pessoas mostrem arrependimento das próprias atitudes. Mas o que eu não consigo entender, é exatamente essa questão. Eles falam que aceitam todos como são, mas nos incentivam a mudar, dizendo que os nossos desejos e interesses não são apropriados. Ele ainda utilizou uma parte da bíblia que fala “tudo é permitido, mas nem tudo convém”. Então eu posso concluir, que a minha existência, é um pecado. (LUIZA, 21 anos).

No momento em que se adentra em um meio social, passa-se a vivenciar um padrão normativos de “fachada”. Por mais que seja necessária, percebe-se uma certa identificação com o meio. O indivíduo, em algum aspecto, identifica-se com a circunstância ali imposta.

Venho usando o termo “representação” para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. Será conveniente denominar de fachada a partir do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixo com fim de definir a situação para os que observam representação. Fachada, portanto, é um equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado dele indivíduo durante sua representação para

fins preliminar mente será conveniente distinguir e rotular aqueles que parecem ser as partes padronizadas da fachada. (GOFFMAN, 2002, p. 29).

Seguindo a linha de raciocínio de Goffman (2002), entramos na questão do “cenário”, que faz parte do equipamento expressivo do indivíduo, em que, para se enquadrar mais amplamente no meio em que está inserido, torna-se necessária a mudança da fachada pessoal, como a reestruturação do vestuário, do sexo, das expressões faciais e dos gestos corporais.

Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes. (GOFFMAN, 2002, p. 31).

Quando os jovens LGBTQIAPN+ entrevistados realizam essa mudança da fachada pessoal, eles passam a vivenciar aquele meio, contudo espera-se que mantenham essa aparência fictícia. Porém, quanto mais se vive determinada situação, mais ela faz parte do seu interior, mediante se tem percebido durante as falas dos jovens. Dessa maneira, em que momento o jovem perde ou anula o “eu”?

Goffman (2002) mostra-nos que o sujeito, para viver plenamente, precisa submeter-se a uma pluralidade de papéis, inserindo-se no meio social, para que seja aceito. Percebe-se, então que, na sociedade, ter a identidade reduzida a apenas uma coisa traz, de certa forma, uma limitação da vida em sociedade.

Assim, torna inevitável a anulação do “eu”, já que a vida em sociedade é constituída por interações sociais, nas quais as comunicações são estabelecidas pelas expressões transmitidas e emitidas efetivamente. Com o decorrer das representações, mostra-se que os jovens são meros atores que tentam mostrar a impressão de um equilíbrio, pois revelam aos outros que a prática regular de determinada ação modifica o ser.

Refletindo sobre a teoria da ação social, percebe-se que os jovens entrevistados buscam a aceitação da sociedade, por isso precisam mudar suas vestimentas e, por vezes, a maneira de agir e de falar para se enquadrar no meio em que vivem.

Um exemplo é a Ana, jovem transexual de 27 anos, frequentadora da Igreja Universal do Reino de Deus há aproximadamente quatro anos. Cheguei até ela

através da Helena, de 22 anos, também frequentador da mesma instituição.

A jovem foi obrigada a se retirar do seu vínculo familiar quando começou a transição, por volta dos seus 20 anos. Desde então, foi morar com uma amiga, onde foi gentilmente acolhida por ela e por seus familiares. Os familiares já faziam parte da referida instituição e, com o passar dos anos, foi incentivada a participar dos cultos. A família, embora muito acolhedora, pediu a jovem que não revelasse ser uma mulher transexual, pois poderia trazer algum tipo de desconforto às pessoas que faziam parte das reuniões religiosas.

Uma outra situação é a do Murilo, de 23 anos, que relatou que uma das frequentadoras da instituição chegou até ele e o questionou sobre estar com brincos nas duas orelhas, e que isso era “coisa de menina”, e que ele deveria ter mais respeito aos mais velhos, deveria ser portar como “homem”.

Percebemos como a heterossexualidade é construída como um “padrão” a ser vivenciado, e qualquer circunstância que se distancie desse parâmetro é considerada contra a natureza (BOURDIEU, 2003).

Outros autores, como Colling (2011), aproximam-se do mesmo pensamento que Bourdieu, ao entenderem que a heterossexualidade é imposta aos indivíduos desde o nascimento, e que essa passa a ser um padrão que deve ser cumprido. A necessidade de se manter um padrão heteronormativo acaba gerando conflitos e situações como a relatada anteriormente pelo jovem entrevistado.

Dessa maneira, percebe-se que o jovem não heterossexual, por vezes, encontra-se em uma situação que precisa “mascarar” seu verdadeiro eu para poder conviver em uma sociedade livre de preconceitos. Com isso, o jovem passa a projetar uma imagem que é considerada “normal”. Com o intuito de se enquadrar plenamente, os indivíduos acabam por interpretar diferentes papéis em função das interações sociais, buscando obter benefícios sociais de inclusão, como forma de encontrar seu lugar no mundo (GOFFMAN, 2002).

Em suas obras, vemos que o autor faz reflexões acerca das instituições e em como essas instituições influenciam nas representações realizadas pelas pessoas. Na obra intitulada “A representação do eu na vida cotidiana”, Goffman (2002) descreve uma espécie de manual que detalha a perspectiva sociológica utilizada na vida em sociedade, ressaltando, em especial, as instituições organizadas dentro de limites

físicos.

Foucault (1998), por outro lado, também estuda as instituições, mas através do que ele chamou de dispositivo da sexualidade, que se tornou um conjunto que engloba discursos e instituições. Quando um indivíduo se comunica, ele tende a refletir o que encontra no decorrer de suas experiências (GOFFMAN, 2002) e, quanto mais se fala sobre determinado assunto, mais notoriedade ele terá (FOUCAULT, 1998).

É nesse ponto que Foucault ainda afirma que, quanto mais censura e interdição existir, mais as pessoas vão e devem intensificar seus discursos quanto à sexualidade. Percebe-se então, através de seus estudos, que, quanto mais abordarmos um determinado assunto, mais propagação ele terá.

Dessa forma, os comportamentos exacerbados de manifestação e reivindicação da sexualidade nada mais são que um panorama de repetição. Em outra obra, Foucault (1997) ressalta a relação entre os discursos sobre o sexo com as relações de poder na sociedade, que, na sua concepção, são múltiplas e móveis.

Para Santos (2013), Foucault entende que a sexualidade está ligada a dispositivos recentes de poder, que têm, como razão de ser, proliferação, inovação e invenção, o que penetra nos corpos, de maneira cada vez mais detalhada, e assim controla as populações de modo cada vez mais global.

Santos (2013) destaca que, na concepção de Foucault, o século XVII foi uma época propícia para a invenção de mecanismos e de tecnologias que tinham por objetivo o controle, consequência, segundo ele, de uma sociedade burguesa ascendente que buscava manter os discursos do sexo pudicamente afastados, por meios da interdição e da censura.

Essa época, segundo o autor, possui coincidência com o advento do capitalismo, onde o sexo é visto como algo incompatível ao mundo do trabalho. Santos (2013) discorre que Foucault compreende que o sexo era um elemento improdutivo e inútil do ponto de vista do capital, por isso precisou entrar em uma circulação controlada dos discursos, que saiu do plano real e entrou na esfera da linguagem, a qual ocultava a sua expressão e policiava seus enunciados.

E é nesse contexto que o cristianismo se torna a instituição que mais rapidamente se apropria de novas técnicas de poder disciplinador sobre o sexo e o corpo. Assim, um dos recursos utilizados pela Igreja é a confissão, que se tornou uma

importante técnica de produção de verdade que conseguiu produzir exames de consciência que tinham, como referência, uma lei moral que barrava tudo referente à carne, a seus prazeres e às impurezas da alma.

Em relação à sexualidade, no que diz respeito aos não heterossexuais, Salztrager (2021) considera que o indivíduo não heterossexual disciplinado é aquele que praticamente incorpora o que o poder disciplinar da ciência diz sobre ele. Para Salztrager (2021, p. 82), graças a essa disciplina, os homossexuais passaram a se “[...] constituir e a se enxergar, como desviantes, anormais ou perversos e há que se salientar o quanto esta identificação é capaz de gerar uma dose considerável de mal estar”.

Sempre que repreendidos por suas escolhas, sejam elas afetivas ou não, os jovens acabam questionando os próprios desejos, vendo-os como errados. Eles acabam adentrando uma vida dupla de aparências.

Como indivíduos potencialmente desacreditáveis, muitas vezes portadores de uma desvantagem, homossexuais comumente iniciam uma construção consciente de si em torno dos desejos que originou a diferença. Trata-se de um processo de diferenciação social em que a composição de um círculo de amigos permite romper o isolamento social, criando uma “segregação livremente escolhida”. Nas últimas décadas, a politização da sexualidade inaugurou novas formas de vivência das identidades sexuais, fazendo florífera ar um discurso sobre o respeito às diferenças. Amplia-se, assim, a visibilidade reconhecimento das minorias sexuais. O exercício de uma sexualidade livre das pressões sociais torna-se, sobretudo, uma questão de direitos humanos. Na esfera pública, questões sobre a liberdade de orientação sexual engendram lutas políticas e respostas religiosas. (NATIVIDADE, 2007, p. 104).

Apesar dos direitos humanos garantidos, percebemos uma grande desvantagem social em relação aos jovens LGBTQIAPN+, já que eles se sentem na necessidade de questionar os próprios interesses e desejos, buscando neutralizar, de alguma forma, sua vida.

Contudo, ao vivenciar frequentemente diferentes papéis, abre espaço para o que o autor chama de conjunto de representações, onde basicamente se mascara o verdadeiro “eu” em busca de inclusão e aceitação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notou-se, portanto, que a relação entre os jovens não heterossexuais e as instituições neopentecostais estudadas, no que diz respeito à sexualidade, vem, até o momento, atravessando conflitos e controvérsias, tanto no que diz respeito à relação com os indivíduos, quanto em sua experiência de vida.

No contexto pesquisado, através de um estudo qualitativo, não confirmamos a hipótese de que ocorre o afastamento do jovem cristão em relação à sua denominação religiosa, quando esse passa a se identificar como LGBTQIAPN+, mesmo ocorrendo conflito com os preceitos morais – que servem como diretriz em relação aos modos de vida de quem se identifica como membro do ramo neopentecostal – e a sua orientação sexual.

Contudo os jovens entrevistados não conseguem viver a sexualidade e a religiosidade de maneira concomitante, uma vez que os preceitos que são apregoados nos encontros impedem que a sexualidade seja “revelada”, logo se subentende que “tudo bem ser gay”, desde que não se “mostre” gay. Os jovens passam a viver em constantes dilemas internos de identidade.

As instituições não excluem as pessoas que se enquadram na comunidade LGBTQIAPN+, contudo se elas querem vivenciar os preceitos religiosos neopentecostais, deverão viver em castidade ou até mesmo se “livrar” dos “desejos pecaminosos”.

Então entramos no seguinte questionamento: se a instituição religiosa impede que o jovem vivencie a sua sexualidade, por qual motivo ele permanece? Estamos falando de uma juventude que teve uma criação menos dura, em que vemos uma espécie de “dependência passiva” (APOLINÁRIO, 2022), onde os pais super protegem e influenciam os filhos a dependerem emocionalmente, fisicamente e financeiramente até ferrenha idade, conforme falado durante as entrevistas, e assim podem interferir, de forma livre, nas vontades e nos interesses de seus filhos.

Quando os jovens se veem no papel de tomar decisões, inclusive no que diz respeito à sua própria sexualidade, acabam sendo contrariados pela influência familiar, que os fazem abdicar de suas escolhas sexuais. Da mesma maneira, acontece com a religiosidade, onde se veem obrigados a frequentar as instituições

religiosas das quais seus familiares fazem parte, sob o pretexto de ser apenas uma fase a qual pode ser modificada com pessoas “certas” e “Deus”. Percebemos, então, que a presença dos jovens gays, lésbicas, assexuais e transexuais entrevistados se dá, na maioria das vezes, em decorrência da influência familiar como relatado pelos jovens entrevistados.

Posto isso, cabe discutir até que ponto vai a discriminação velada desses indivíduos, mesmo quando tendem a permanecer nos institutos religiosos. A instituição neopentecostal ensina que os atos homossexuais são pecaminosos, contudo, como “filhos do senhor”, deve-se acolhê-los, conforme explicou o líder religioso da Igreja Universal do Reino de Deus. Mas, em que “momento” entra a inclusão e em que circunstância esse “cuidado” da instituição religiosa é visto como preconceito?

O problema é que, muitas vezes, vemos os termos “discriminação” e “preconceito” utilizados da mesma forma, embora tenham significados diferentes. O preconceito é expressão de ideias, opiniões e sentimentos sem análise crítica. Ele produz entendimentos que levam à intolerância. A forma mais comum de preconceito é a suposição de uma superioridade sexual. A discriminação, por sua vez, é o resultado do preconceito colocada em ação (SILVA, 2010).

Preconceito e discriminação não são exclusividade de um grupo dominante. Todos os grupos humanos praticam atos discriminatórios. O que a análise sociológica mostra é que as manifestações discriminatórias dos grupos minoritários têm um efeito menor que aquelas exercidas por grupos majoritários, como é o exemplo da instituição religiosa, porque esses grupos controlam os aparatos sociais dominantes.

Dito isso, vemos como a instituição trabalha com a possibilidade da castidade e da “cura” da suposta enfermidade. Percebe-se, a todo momento, através das entrevistas, que ela tenta convencer o jovem de que, para viver de maneira plena a religiosidade, será necessário abster-se de sua sexualidade.

Vemos inclusive que há todo um controle institucional dos jovens, já que os mesmos possuem comportamentos atrelados ao que a instituição julga ser o correto. Desde as vestimentas, à forma de se expressar, tudo é velado e cronometrado. Dos 21 jovens entrevistados, dez deles relataram que não podem demonstrar que se interessam pelo sexo oposto, pois devem viver como “filhos de Deus”.

Temos muitas palestras e encontros com o tema relacionado a família. A construção da família, sendo mais exata, fala sobre um homem e uma mulher que juntos vão ter filhos. Nunca nada relacionado a duas mulheres ou dois homens por exemplo, até porque né, é pecado se relacionar com pessoas do mesmo sexo, porque isso vai contra ser filho de Deus. (LUANA, 19 anos).

É importante questionar se esses discursos declarados pelos jovens são a realidade social vivenciadas por eles. Apesar de cada narrativa ter sua própria forma de retratar a realidade, discursos alinhados ao senso comum acabam produzindo uma noção compartilhada sobre a realidade, o que não exige provas sobre a validade das afirmações produzidas.

Percebemos, durante a pesquisa, que a subjetividade dos indivíduos entrevistados está respaldada principalmente na influência das instituições, seja ela familiar ou religiosa. Os jovens possuem e criam a própria individualidade, ao optarem por permanecerem nas instituições religiosas, mesmo que isso signifique falsamente a conversão do que o jovem julga ser o correto.

Dessa forma, através da problemática exposta, busquei estabelecer uma interlocução com alguns autores, tentando entender quais são as possíveis consequências da possível atuação que o jovem entrevistado precisa exercer para que se sinta aceito no meio que está inserido. Goffman (2002) inclusive explica que o indivíduo passa a viver de fantasias e de personagens, expressando-se de maneira a mostrar ao outro a impressão que provavelmente trará mais credibilidade perante a sociedade.

Com base nessas considerações, percebemos que, através de toda a “aceitação” dos meios religiosos, a instituição familiar e religiosa, por vezes, tem colocado o jovem numa posição de sofrimento, e, na maioria das vezes, de anulação dos interesses pessoais dos jovens que fizeram parte da pesquisa.

Além de toda a problemática durante a pesquisa, que tem, como um dos pontos, a cessação das escolhas pessoais dos jovens entrevistados, podemos elencar que a depressão é uma das principais queixas dos pacientes gays em psicoterapia, e a homofobia social é uma das principais responsáveis para tal quadro¹⁴.

A partir das entrevistas, vemos que as instituições religiosas que, em regra,

¹⁴ Informação descrita pelo psicólogo Jonnanh Nascimento, CRP 12/17670, especialista na área da saúde psicoterápica em homens gays. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnAhhvSDfDo/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> . Acesso em: 19 jun. 2023.

destinam-se ao acolhimento dos indivíduos, e as instituições familiares, que, em regra, possuem o dever de zelo pelos seus membros, são os principais condutores de comportamentos que têm colocado os jovens entrevistados em condições de sofrimento, tendo em vista as proibições impostas no que se refere ao exercício da sexualidade. A força coercitiva dessas instituições tem se mantido ativa, no caso da maioria dos jovens estudados.

Porém, para garantir sua trajetória, a religião encontra-se em conjunto com a revolução científica, fazendo uso da tecnologia para conseguir conservar seus fiéis, tornando-a mais atrativa aos jovens, como é o caso das instituições neopentecostais estudadas, que se vêm utilizando da mídia para atingir cada vez mais pessoas.

A religião vem assimilando os dispositivos, ajustando-se cada vez mais rápido às transformações sociais, e a secularização faz parte do processo de revitalização do fenômeno religioso, conforme explica Machado (1997). Contudo, mesmo em meio a tanta revitalização, vemos que o tradicionalismo se mantém, principalmente quando assunto é a sexualidade, onde ainda é evidente que se possui uma certa hostilidade referente aos não heterossexuais.

Natividade (2019), revela que, desde que iniciou seus estudos em “religião e direitos sexuais”, ficou claro que comportamentos distantes da heterossexualidade se tornam objetos de conflito perante algumas das correntes religiosas. O autor ainda cita o exemplo de congregações onde o controle da sexualidade se torna presente, através da promessa de “cura gay”, e diversos trabalhos que afirmam transformar não heterossexuais em supostos heterossexuais, assim como o grupo presente em uma das instituições elencadas.

Outra instituição que ainda mantém certa tradicionalidade quanto aos costumes e se faz muito presente ao longo da pesquisa é a família. Como já mencionado, é o primeiro núcleo e contato com a sociedade que um indivíduo possui. Berger (2018) revela-nos que o comportamento, na maioria das vezes, é baseado naquilo que se vê e durante todo o desenvolvimento do jovem; os valores vão sendo internalizados.

Por fim, constatamos que os jovens não heterossexuais entrevistados sofrem transformações pessoais por vivenciarem conflitos internos de construção de identidade, principalmente no âmbito das instituições. Como se sabe, nas igrejas

estudadas, a sexualidade é muito citada, mas ela deve ser vedada. Exige-se que os jovens LGBTQIAPN+ renunciem à vida e às práticas sexuais, já que parâmetros de vida como esses vão de encontro diretamente aos preceitos estudados e incentivados nas instituições.

Torna-se claro expressar que as pesquisas em torno da problemática estudada ainda carecem de contribuições. São limitadas, se comparadas ao que de fato precisa ser feito para que ocorra o devido entendimento das razões que levam os jovens a permanecerem nas instituições religiosas, mesmo quando os interesses pessoais entram em discordância com as premissas cristãs. Por essa razão, investigações e explorações acerca do tema se fazem necessárias, para apresentar uma perspectiva que explore outras variáveis no que concerne à condição não heterossexual e à permanência ou afastamento desses sujeitos do neopentecostalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDÃO JR, Ernani José. **Sociopoetizando a Juventude: conceitos filosóficos produzidos por headbangers em Terezina-PI.** In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; FERREIRA, Maria D'Alva Macedo. (Orgs). Jovens e Crianças: outras imagens. Fortaleza: UFC, 2006. Disponível em: <https://www.humanismocaboclo.com/post/juventude-e-juventudes-percebendoal%C3%A9m-do-senso-comum> Acesso em: 26/04/2022

ALMEIDA, Cecília Emiliana de Oliveira. **Pastor André Valadão gera revolta ao dizer que “igreja não é para gays”.** Matéria Publicada no Jornal online Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte - MG. 10/9/2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/09/10/interna_gerais,1184113/pastor-andre-valadao-gera-revolta-ao-dizer-que-igreja-nao-e-para-gays.shtml. Acesso em: 20/10/2021.

ALIANÇA NACIONAL. **Significado de cada letra da sigla LGBTQIAP+.** Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2021-02-11/veja-o-que-significa-cada-letrada-sigla-lgbtqiap.html> Acesso em: 15/12/2021

AGENCIA IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde. Estatísticas Sociais. **Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019.** Editoria: Estatísticas Sociais | Alerrandre Barros | Arte: Helena Pontes, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019#:~:text=Cerca%20de%202%2C9%20milh%C3%B5es,6%20milh%C3%B5es%20n%C3%A3o%20quiseram%20responder.>

APOLINÁRIO, Ana. **Os 30 anos são os novos 20 porquê?** Revista online Zankyou. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.zankyou.pt/p/porque-e-que-os-30-anos-sao-os-novos-20-aqui- ficam-9-convincentes-razoes> Acesso em: 24/04/2022

ARAUJO, Michelle Piraciaba. **Jovens Católicos e a Jornada Mundial da Juventude: Religiosidade e o Catolicismo na Cidade De Campos dos Goytacazes – RJ.** Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de mestre em Sociologia Política apresentado à Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF, 2015. Disponível em: <https://www.uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wpcontent/uploads/sites/9/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-MichellePiraciaba.pdf> Acesso em: 21/10/2021

ARIES, Phillippe. **História social da criança e da família.** Tradução de Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro - editora guanabara, 1986.

BALDIN, Nelma e MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (Bola De Neve): Uma Técnica Metodológica Para Pesquisa Em Educação Ambiental Comunitária.** Artigo publicado no X Congresso Nacional de Educação, Curitiba, pp.329-341, 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf Acesso em: 28/09/2021

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**. Buenos Aires: Amarratu Editores, 1971.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter. **A dessecularização do mundo: uma visão global**. In: *Religião e Sociedade*, vol. 21, nº 1, CER/ISER, Rio de Janeiro, p. 9-24, 2000.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social Realidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido. A orientação do homem moderno**. Editora Vozes. São Paulo. 1ª reimpressão, 2018.

BOMFIM, S. A. **Homossexualidade, direito e religião: da pena de morte à união estável. A criminalização da homofobia e seus reflexos na liberdade religiosa**. *Revista Brasileira de Direito Constitucional*, 18, 71-103, 2011.

BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade**. Trabalho de Conclusão de Curso em Gestão de Produção Cultural. São Paulo, 2019. Disponível em: https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/guilherme_engelman_bortoletto.pdf Acesso em: 15/12/2021

BOTELHO, Isabella. **Orgulho LGBTQI+: Conheça a história do movimento por direitos**. Artigo publicado na revista online mercadizar.com, 2020. Disponível em: <https://mercadizar.com/noticias/orgulho-lgbtqi-conheca-a-historia-do-movimentopor-direitos/> Acesso em: 15/09/2021

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **A dominação masculina**. 3 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de Genero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Coleção Sujeito & História. Tradução de Renato Aguiar. 21ª edição. Civilização Brasileiro, Rio de Janeiro, 2021.

CAPLER, Rodolpho. **Porque a juventude brasileira está se tornando cada vez mais evangélica**. Revista online VEJA, 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/por-que-a-juventude-brasileira-esta-se-tornando-cada-vez-mais-evangelica/> Acesso em: 23/10/2022

CARDOSO, Andrea. TREVIZAN, Helena. **Levantamento quantitativo pioneiro na América Latina mapeia comunidade ALGBT no Brasil**. *Jornal da Unesp*, Atualizado em: 24/10/2022. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2022/10/24/levantamento->

quantitativo-pioneiro-na-america-latina-mapeia-comunidade-algbt-no-brasil/ Acesso em: 20/01/2023

CARVALHAES, C.; PY, F. **Liberation Theology in Brazil**. CrossCurrents, Chicago, v. 67, p. 157-179, 2017.

CECCARELI, Paulo Roberto. **A invenção da homossexualidade**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, v. 2, n. 3, p. 71-93, set. 2008. Disponível em: https://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n02art03_ceccarelli.pdf Acesso em: 27/01/2022

COLLING, Leandro. **A sexualidade é uma construção social**. Revista **Ciencia e Cultura**, 2011. Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/destaques/%E2%80%9CA-sexualidade-e-uma-construcao-social%E2%80%9D-diz-pesquisador-da-ufba/#:~:text=%E2%80%9CA%20heterossexualidade%20%C3%A9%20algo%20que,de%20muitos%20atos%20de%20viol%C3%AAncia>. Acesso em: 12/01/2023

COUTO, Richard Harrison; LAGE, Tayane dos Santos. **Homossexualidade e perversão no campo da psicanálise**. Semin., Ciênc. Soc. Hum., Londrina, v. 39, n. 1, p. 35-52, jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16765443201800010004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20/01/2023.

CORREIO BAZILIENSE. **Grupo cristão tenta reprimir homossexualidade e gêneros trans na América Latina**. Religião e Sexualidade, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/12/4895957-grupo-cristao-tentareprimir-homossexualidade-e-generos-trans-na-america-latina.html> Acesso em: 25/10/2021

DALLARI, Dalmo. In Cury, Munir (coord). **Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado: Comentários Jurídicos e Sociais**. Ed. 5ª. São Paulo: Malheiros. 2002.

DANTAS, Bruna Suruagy de Amaral. **Sexualidade, Cristianismo e Poder**. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, v.10, n. 3, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8909/6790> Acesso em: 13/11/2021

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. (24), 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/> Acesso em: 20/04/2022

DIAS, J. E. **Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil**, Tempo Social, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Walter Solon. São Paulo: Edipro, 2012.

EDITAL PCMG. **Inclui Livro Com Conteúdo Homofóbico E Transfóbico**. Metrópolis. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/brasil/edital-da-pcmg-inclui->

livro-com-conteudohomofobico-e-transfobico Acesso em: 15/12/2021

ENDEREÇOS PORTAL UNIVERSAL. **Igreja Universal do Reino de Deus**, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/endereco/rio-de-janeiro-campos-i-19919> Acesso em: 21/01/2022

ENDEREÇO DAS IGREJAS. **Igreja Internacional da Graça de Deus**. On Grace, o site o povo de Deus, 2019. Disponível em: https://ongrace.com/portal/?page_id=26247 Acesso em: 21/01/2022

ESTANISLAU, Kássio de Souza Ferreira. **A Igreja Católica e a Homossexualidade. Apostolado Courage e Perspectiva dos Sujeitos**. Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Sociologia Política. Campos dos Goytacazes, 2022. Disponível em: <https://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2022/09/DISSERTACAO-Kassio-de-Souza-Ferreira-Estanislau-compactado.pdf> Acesso em: 20/11/2022

FACHIN, Patrícia. **Líderes das três principais igrejas neopentecostais travam “armagedom midiático”**. Entrevista especial com Alexandre Dresch Bandeira. REVISTA IHU ON-LINE. Edição: Vitor Necchi | 20 julho 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/569799-lideres-das-tresprincipais-igrejas-neopentecostais-travam-armagedom-midiatico-entrevistaespecial-com-alexandre-dresch-bandeira> Acesso em: 24/10/2021.

FERNANDES, Silvia Regina Alves, **Relatório científico FAPERJ – Juventude, religião e política – ações e representações**. Mimeo, 2008.

_____. **Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais na baixada fluminense – algumas proposições a partir de um Survey**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 31(1): 96-125, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/V9X9dYfnJVKY6Gy4JvvBrdP/abstract/?lang=pt> Acesso em: 22/02/2022

_____. **Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa**. Revista Sociedade e Estado – Volume 26, número 3, set/dez, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/yyvLwmMCzKCzyfwnCYWPzjd/?lang=pt> Acesso em: 26/04/2022

FRANCH, Mónica. **Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife**. 2008. 298 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Antropologia Cultural) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

FREUD, S. **El porvenir de una ilusion**. In: Obras Completas. Tomo III, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas, tese de doutorado em sociologia – IFCH – Unicamp, 1993. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_3e9c050cb3c9b8dc4b410f021df6a5c9

Acesso em: 18/11/2021.

FOUCAULT, M. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

_____. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **História da sexualidade – Vol. 1: A vontade de saber**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Em defesa da sociedade Curso no Collège de France, 1973–1974**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**. *Verve*, 5, 240- 259, 2010.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga; MOTT, Luiz e et al. Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. **Observatório de Mortes Violentas de Lgbti+ no Brasil - 2020**: – 1. ed. – Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021. Disponível em: <https://observatoriomortesviolentaslgbtibrasil.org/in%C3%ADcio>. Acesso em 23/10/2021.

GONÇALVES, R. L. **Atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Campos dos Goytacazes, RJ: Uma análise do Assentamento Zumbi dos Palmares**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petropolis, Vozes, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Alexandra Figueiredo. 6ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian/Serviço De Educação E Bolsas, 2008.

GUIMARÃES, Vinicius Oliveira Seabra. **Aproximações teóricas entre o campo religioso protestante e o contexto educacional das juventudes na américa latina**. *Revista Juventude Br*, 23-30, 2018. Disponível em: <https://juventudebr.emnuvens.com.br> . Acesso em 21/12/2021

HADDAD, Michele Ribeiro; PACHECO JUNIOR, Nelson Cortes. **O Neopentecostalismo e a Teologia da Prosperidade: Uma contribuição na legitimação da desigualdade social**. *Revista Litteris*, n.28, janeiro de 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360773029_O_NEOPENTECOSTALISMO_E_A_TEOLOGIA_DA_PROSPERIDADE_UMA_CONTRIBUICAO_NA_LEGITIMACAO_DA_DESIGUALDADE_SOCIAL

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HANKO, Herman C. **Reavivamento da Rua Azusa e Pentecostalismo**. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Monergismo, 2016. Disponível em:

http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/rua-azusa-pentecostalismo_herman-hanko.pdf

HENNING – GERONASSO, Martha. MORÉ, Carmen. **Influência da Religiosidade/Espiritualidade no Contexto Psicoterapêutico.** PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 35(3), 711-725, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZYpkcHTjNccSTsH6TH7R5Sn/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 24/09/2021

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Censo Demográfico: Amostra de Religião. Campos dos Goytacazes, RJ, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/campos-dos-goytacazes/pesquisa/23/22107>
Acesso em: 23/02/2022

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107> Acesso em: 23/10/2022

IGREJAS. **Igreja Mundial do Poder de Deus.** Mundial, a mão de Deus está aqui, 2019. Disponível em: <https://impd.org.br/igrejas> Acesso em: 21/11/2021

INPA. Instituto de Psicologia Aplicada. **Assexualidade: o que é, como identificar e como se respeitar,** 2019. Disponível em: <https://inpaonline.com.br/blog/assexualidade/> Acesso em: 20/01/2023

JACOB, C. R.; HEES, D. R. (Eds.). **Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil.** Rio de Janeiro/São Paulo, PUC-Rio/Loyola/CNBB, 2003.

JESUS, Fátima. W. **Notas sobre religião e (homo)sexualidade: “Igrejas Gays” no Brasil.** In: Reunião Brasileira de Antropologia, 26, 2008, Porto Seguro. Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia Bahia: ABANT, 2008.

LEITE, Vinicius Souza Magalhães. **Gênero, sexualidade e suas diversidades em trabalhos.** Publicados nas Atas do I-X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2017. Disponível em: http://www.decb.uerj.br/arquivos/monografias/Monografia%20Final_Catalografia.pdf
Acesso em: 13/11/2021.

LEMOS, C. T. **Mobilidade religiosa e suas interfaces com a intimidade e a vida cotidiana.** In: OLIVEIRA, P. A.; MORI, G. (Orgs.) Mobilidade religiosa: linguagens, juventude, política. São Paulo: Paulinas, 2012. p.119-144.

LEVI, Giovanni. SCHMITT, Jean Claude. **História dos jovens: Da antiguidade a era moderna.** Editora Companhia de Letras, 1996.

MACHADO, Mônica Sampaio. **A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião.** Rio de Janeiro, EdUERJ, 1997.

MADLENER, F.; DIZNIS, N.F. **A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana.** Revista do Departamento de Psicologia. Vol 19 num. 01, Niteroi: UFF, 2007.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MESQUITA, D. T. & PERUCCHI, J. **Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade**. Revista de Psicologia - Psicologia & Sociedade, 28(1), 105-114. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kkcQJggKT3GTTWpLggHDXSb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26/10/2021.

MOREIRA, A. da S. **O futuro da religião na sociedade global: painel de um debate**. No: MOREIRA, A. da S.; DIAS, I. (orgs.). O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas, 2008.

OLIVEIRA, Arilson. **Secularização e mercado religioso em Peter Berger**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Vol. 4 Nº 7, Julho de 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8092672.pdf>

ORTH, Gláucia M, N et al. **A propagação da homofobia a partir de um grupo de religiosos cristãos**. GÊNERO | Niterói | v.17 | n.2 | p. 169 - 188 | 1. sem. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31268>. Acesso em: 20/10/2021.

NATIVIDADE, Marcelo. **O combate da castidade: Autonomia e exercício da sexualidade entre homens evangélicos com práticas homossexuais**. Debates do NER. Porto Alegre, ano 8, nº 12, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/5239/0> Acesso em: 12/10/2022

NATIVIDADE, Marcelo. **Homossexualidade, Gênero e Cura em Perspectivas Pastorais Evangélicas**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol.21, nº 61, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/LQHjv7CsL3dNGrXzDmMBFzv/?lang=pt>

_____. **Deus condena ou Deus aceita? Cristianismo e diversidade sexual no Brasil**. Revista Senso, 2019

NORTON, Elizabeth. **A homossexualidade pode começar no ventre**. Revista online Sociotífica, 2022. Disponível em: <https://sociotifica.com.br/homossexualidade-pode-comecar-no-ventre/>

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PEDLOWSKI, Mascos A; PY, Fábio. **Pentecostalização Assentada No Assentamento zumbi Dos Palmares, Campos Dos Goytacazes, Rj**. Perspect. Teol., Belo Horizonte, v. 52, n. 3, p. 829-852, Set./Dez. 2020. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4465>

PIERUCCI, AF; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política**. São Paulo: Hucitec, 1996.

PORFÉRIO, Francisco. **Família**. PISICOLOGIA | Rio de Janeiro | Mundo Educação, 2021. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/psicologia/familia.htm#:~:text=Fam%C3%ADlia%20%C3%A9%2C%20para%20a%20Sociologia,afinidade%2C%20ou%20seja%2C%20a%20fam%C3%ADlia> Acesso em: 01/05/2022

PRATTA, Elisângela Maria; SANTOS, Manoel Antonio. **Família e Adolescência: A Influência do Contexto Familiar no Desenvolvimento Psicológico de seus Membros**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBgL/?format=pdf>

QUINTANILHA, Renan. **História do Movimento LGBT no Brasil**. Org. James N. Green, Marcio Caetano e Marisa Fernandes. 1ª edição – Alameda, 2018.

QUINALHA, Renan. **Lampião da Esquina na mira da ditadura hétero militar de 1964**. ARTIGO • Cad. Pagu (61) • <https://doi.org/10.1590/18094449202100610004>, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/SHVG63XcvL7Tz4Rp3FDBNMB/>

REIS, Vânia. **Juventude e Juventudes**. In MATOS, Kelma Socorro Lopes de; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; FERREIRA, Maria D'Alva Macedo (Orgs.) *Jovens e Crianças: outras imagens*. Fortaleza, UFC, 2006.

ROCHA, Arlindo Nascimento. **A homossexualidade e o cristianismo conservador: a face cristã da intolerância religiosa espelhada na Bíblia**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 07, Vol. 06, pp. 68-92. Julho de 2019. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-dareligiao/homossexualidade-e-o-cristianismo>

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural - (Coleção Os Pensadores), 2000.

SANTOS, Daniel Kerry dos. **As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia**. Rev. Epos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2013. Disponível em . Acesso em 31/01/2022

SALZTRAGER, R. **O homossexual disciplinado e suas verdades (The disciplined homosexual and his truths)**. Estudos da Língua(gem), [S. l.], v. 19, n. 1, p. 79-94, 2021. DOI: 10.22481/el.v19i1.9152. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/9152>. Acesso em: 29/01/2022.

SCOTT, Russell Parry. **Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares**. Caderno CRH, Salvador, v. 17, n. 42, p. 375-388, set./dez. 2004

SELMÁN. **Entrevista concedida na praça central do Núcleo IV do Assentamento Zumbi dos Palmares**, Campos dos Goytacazes, outubro, 2017.

SEFFNER, F. **Derivas da masculinidade: Representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SILVA, Antônio João Hocayen da. **Metodologia de Pesquisa: Conceitos Gerais**. Paraná: Unicentro, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

SILVA, Lawerton Braga da; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos. **Revisão sobre a utilização da teoria das representações sociais nos estudos sobre homofobia no Brasil**. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia. V. 19 n.2, 2019. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/44278/30175> Acesso em: 13/11/2021

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIQUEIRA, Rafael. **Igreja Evangélica na Bahia coloca placa na porta indicando que gays devem morrer; MP apura o caso**. Correio 24h. Salvador – BA. 2016. Disponível em: <https://rafaelsiqueira7902.jusbrasil.com.br/noticias/365180432/mp-apura-igrejaque-colocou-placa-indicando-que-gays-devem-morrer> Acesso em 20/10/2021.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **O Conservadorismo moderno: esboço para uma aproximação**. Serv. Soc. Soc. (122) • Apr-Jun 2015 • <https://doi.org/10.1590/0101-6628.020>

SOUSA FILHO, Alípio de. **Homossexualidade e Preconceito: crítica de uma fraude nos campos científico e moral**. Publicado em 27 ago. 2003. Disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/S_autores/SOUSA_Filho_Alipio_tit_homossexualidade_e_preconceito.htm Acesso em 25/10/2021

SULLIVAN, Bill. **Não é escolha: homossexualidade é guiada por fatores biológicos**. Revista online Societífica, 2022. Disponível em: <https://societifica.com.br/homossexualidade-nao-e-escolha-e-sim-fator-biologico-segundo-estudo/>

SPYER, Juliano. **Povo de Deus: Quem são os evangélicos e porque eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

SPOSITO, S. E. **Psicologia, sexualidade e religião: ligações perigosas**. Revista de Psicologia da UNESP, 2012.

TOMMASI, L. **Abordagens e práticas de trabalho com jovens: um olhar das**

organizações não governamentais brasileiras. Revista de Estudios sobre Juventud. JOVEns (Brasil), nº 9 (22), 2005.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo. Companhia de Letras, 2004.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE CCH – CENTRO DE
CIÊNCIAS DO HOMEM PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
POLÍTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____,

DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito desta, que fui devidamente esclarecido(a) sobre o que consiste a pesquisa em desenvolvimento na dissertação intitulada **Entre o Dever a Vontade: Reflexões sobre o modo de vida do jovem cristão LGBTQIAPN+**, desenvolvido por **Michele Ribeiro Haddad**, aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), sob a orientação do Prof. Dra. Dra. Silvia Fernandes, quanto aos seguintes aspectos:

- a) A pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre o possível distanciamento dos jovens cristãos LGBTQIAP+ e as normas e regras vivenciadas nas igrejas neopentecostais.
- b) Serão realizadas entrevistas que devem durar em torno de 01 (uma) hora, as quais serão transcritas para posterior análise.
- c) Garantia de sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, assegurando-lhes absoluta privacidade.
- d) A sua participação é voluntária, isto implica que você não receberá nenhum tipo de remuneração pelos dados fornecidos. Se você concordar colaborar voluntariamente com a pesquisa e se não tiver nenhuma dúvida, gostaríamos que você assinasse o presente termo. Mesmo assinando este termo, você poderá recusar e/ou deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum ônus para você.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me (nos) foi explicado, consinto voluntariamente (em participar) desta pesquisa.

Campos dos Goytacazes, de _____ de 2022.

DECLARANTE

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS DOS JOVENS CRISTÃOS**ROTEIRO DE ENTREVISTAS DOS JOVENS CRISTÃOS**

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é a sua idade?
3. Estado civil
4. Profissão
5. Cor/raça
6. Renda média familiar aproximada
7. Igreja/denominação atual?
8. Sempre foi dessa denominação religiosa? Passou por outras religiões? O que faz /fez escolher tal igreja ou denominação?
9. Como você classifica a sua orientação sexual?
 - () Heterossexual
 - () Homossexual
 - () Bissexual
 - () Assexual
 - () Pansexual
 - () Transexual
 - () Intersexual
 - () Sem denominação sexual
10. Você já sofreu algum tipo de preconceito por conta da sua escolha sexual dentro da denominação na qual está inserido? Se sim, conte um pouco os episódios.
11. Você pode falar sobre suas percepções em relação a como o campista enxerga pessoas não heterossexuais?
12. Qual a influência que sua família tem sobre suas escolhas sociais e decisões pessoais relacionadas a sexualidade?
13. Para você o que é a não heterossexualidade?
14. A quanto tempo frequenta essa instituição religiosa?
 - () Menos de 1 ano
 - () De 1 a 2 anos
 - () 2 anos ou mais
15. Já participou ou frequentou outra instituição religiosa além dessa?
 - () Sim, se sim, qual? Como foi a recepção na outra instituição? Me fala um pouco sobre.
 - () Não
16. Como você adentrou nesse meio religioso? Através de amigos, familiares, por interesses pessoais, me conte um pouco sobre.
17. Conhece algum jovem LGBTQIAP+ que frequentou essa instituição?
18. Existem conflitos entre sua escolha sexual e sua vivencia religiosa? Se sim, quais conflitos? Já pensou em se afastar em decorrência dos mesmos?